

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

**JARDIM MANDALA:
um espaço alternativo em diálogo com a ciência, a arte, os saberes
tradicionais e a espiritualidade**

Belo Horizonte
2022

Wellington Dias

**JARDIM MANDALA:
um espaço alternativo em diálogo com a ciência, a arte, os saberes
tradicionais e a espiritualidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação e docência.

Orientadora: Prof^a Conceição Clarete
Xavier Travalha

Coorientador: Prof. Marcos Vinícius
Bortolus

Belo Horizonte

2022

D541] Dias, Wellington, 1964-
T Jardim mandala [manuscrito] : um espaço alternativo em diálogo com a ciência, a arte, os saberes tradicionais e a espiritualidade / Wellington Dias. - Belo Horizonte, 2022.
173 f. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Conceição Cláudia Xavier Travalha.
Coorientador: Marcos Vinícius Bortolus.
Bibliografia: f. 166-161.
Apêndices: f. 162-173.

1. Educação -- Teses. 2. Métodos de ensino -- Teses. 3. Aprendizagem -- Teses. 4. Salas de aula -- Espaços abertos -- Teses. 5. Ambiente escolar -- Teses. 6. Manejo de classe -- Teses. 7. Espiritualidade -- Aspectos educacionais -- Teses. 8. Arte -- Métodos de ensino -- Teses. 9. Tradição oral -- Aspectos educacionais -- Teses. 10. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação -- Teses.
I. Título. II. Travalha, Conceição Cláudia Xavier. III. Bortolus, Marcos Vinícius. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.38

Catálogo da fonte: Biblioteca da FAE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DOCÊNCIA/MP



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO WELINGTON DIAS

Realizou-se, no dia 22 de fevereiro de 2022, às 09:30 horas, por videoconferência, a 327ª defesa de dissertação, intitulada *JARDIM MANDALA: UM ESPAÇO ALTERNATIVO EM DIÁLOGO COM A CIÊNCIA, A ARTE, OS SABERES TRADICIONAIS E A ESPIRITUALIDADE*, apresentada por WELINGTON DIAS, número de registro 2019655459, graduado no curso de ARTES VISUAIS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha - Orientador (Faculdade de Educação da UFMG), Prof(a). Marcos Vinicius Bortolus (DEMEC-UFMG), Prof(a). Silvia Regina Paes (UFVJM), Prof(a). MARINA ASSIS FONSECA (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Aprovada com com indicações de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2022.

CONCEIÇÃO CLARETE XAVIER TRAVALHA

Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha (Doutora)

Marcos Vinicius Bortolus

Prof(a). Marcos Vinicius Bortolus (Doutor)

Documento assinado digitalmente
SE SILVIA REGINA PAES
Data: 09/03/2022 13:08:13-0300
Verifique em: <https://verificador.br/>

Prof(a). Silvia Regina Paes (Doutora)

Marina Assis

Fonseca:00232142602

Prof(a). Marina de Assis Fonseca (Doutora)

Assinado de forma digital por
Marina Assis Fonseca:00232142602
Dados: 2022.03.03 14:10:56 -03'00'

Dedico esse trabalho a todos os seres empenhados no serviço do Bem em todas as dimensões!

AGRADECIMENTOS

Com um sincero sentimento, agradeço a todos que estiveram presentes cooperando para que esse trabalho acontecesse.

Agradeço, primeiramente, ao grande Criador do Universo e a todos os Seres de Luz das dimensões superiores.

Agradeço aos meus orientadores, Teca e Bortolus, pela atenção, cuidado e direção para que o processo caminhasse em harmonia e num trabalho coletivo.

Gratidão ao professor Ferdinand Röhr, por vislumbrar um mundo com educação e espiritualidade!

Gratidão aos Mestres da Tradição Popular, pela resistência e pela força!

Gratidão aos amigos (anjos) que dispuseram tempo e dedicação na leitura, sugerindo acertos e dando aconselhamentos ao longo do processo dessa escrita: Marcos Alves, Rodrigo, Ludmilla e Pedro.

Agradeço aos meus pais, aos meus filhos e a todos os meus antepassados! Muita gratidão!

Um agradecimento especial à Faculdade de Educação e à Escola de Belas Artes; às professoras Samira Zaidan e Cristina Gouveia, que foram as primeiras diretoras a abrirem as portas para que o Jardim Mandala florescesse. Gratidão à professora Juliane Correa e ao professor João Valdir, que fortaleceram o processo de construção do Jardim Mandala; à professora Dayse Cunha e ao professor Wagner Auarek, pela continuidade do processo até o momento atual.

Gratidão a toda a comunidade da UFMG, aos meus irmãos do Neppcom; ao Alexandre e ao Aldimar, da contabilidade; à Jane Coelho; ao Cícero (CEALE); ao Hudson (vigilante), ao Oséias e ao Moisés (da portaria); ao meu querido Maurício (CECIMIG); ao meu irmão Gilson do Samba. Gratidão especial à Flavinha Tunes (*in*

memoriam), à professora Marildes Marinho (*in memoriam*) e ao professor José Raimundo (*in memoriam*). Gratidão à professora Teresinha Kawazaki (madrinha do jardim); aos professores Rogério Cunha, Wemerson Amorim, Amarilis Coragem e Aracy Martins. Um agradecimento fraterno aos queridos amigos do D.A. da FaE e a tantos outros companheiros que aqui seria impossível citar.

Gratidão a todos aqueles que entraram no Jardim Mandala como companheiros e cooperadores na manutenção da egrégora de paz e harmonia que vem sustentando o espaço, na sua missão de cuidado, acolhimento e cura.

Gratidão sempre!

No paraíso, Deus não construiu altares e catedrais. Plantou um jardim. Deus é um jardineiro. Por isso plantar é a mais alta forma de espiritualidade.

Rubem Alves.

“Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde, um jardim aparecerá”.

Rubem Alves.

“Admito que o belo natural se pode melhorar pela mão dos artistas”

Genésio (1999, p. 2).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o Jardim Mandala (FaE/UFMG), levando em conta suas possibilidades no âmbito da formação integral, como espaço educativo, artístico, de reflexões sobre os saberes tradicionais e a espiritualidade. A partir das dimensões humanas propostas por Ferdinand Röhr (2013), buscamos construir uma interlocução entre a aprendizagem convencional e os modos de ensino e aprendizagem praticados por comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira. Nesse processo investigativo, focalizamos questões que envolvem o bem-estar na qualificação das ambiências e dos tempos, configurados aqui como espaços/tempos de aprendizagem. O pressuposto metodológico sustenta-se pela observação participante, pelo estudo de caso e pela produção de memória. A análise do percurso e dos aspectos que envolveram a construção do Jardim Mandala favoreceu a sistematização de uma experiência voltada para a qualificação de espaços diferenciados para formação humana. Esta pesquisa contribui para a necessidade atual de oportunizar modos de aprendizagens mais humanizados, considerando o equilíbrio geral do corpo e da mente, o resgate e a manutenção de bem-estar, a espiritualidade como uma possibilidade humana e a inclusão de saberes populares dentro de um ambiente formativo. Tendo em vista o intuito de provocar e potencializar outras experimentações nos processos de ensino e aprendizagem, o presente estudo apresenta como produto um modelo de sala de aula alternativo, considerando a sala de aula convencional.

Palavras-chave: Educação. Espiritualidade. Arte. Saberes Tradicionais. Espaços alternativos de aprendizagem.

ABSTRACT

This dissertation aims to research about the Mandala Garden at the field of integral education its possibilities as a space: alternative learning, artistic, traditional knowledge, and spirituality. From the human dimensions proposed by Ferdinand Röhr (2013), we seek to build a dialogue between learning and the ways of teaching and learning practiced by traditional communities of Afro-Brazilian origin. In this process, we focus on the issues about the well-being on the building and experiencing the ambiences and times. The methodological assumption is supported by participant observation, case study, and memory production. The analysis of the patch and the aspects which involve the construction of the Mandala Garden bring the systematization of the an alternative learning space to the human formation. This research contributes to the current need to create more humanized ways of learning, considering the general balance of body and mind, the rescue and maintenance of well-being, spirituality as a human possibility and the inclusion of popular knowledge within a formative environment. The study presents as a product an alternative learning space, when we compare to the conventional school spaces, and that has provoking and potentiating many different experiences of teaching and learning.

Keywords: Education. Spirituality, Art, Tradicional Knowledge Alternative Learning Space

LISTA DE SIGLAS

AULP	Associação das Universidades de Língua Portuguesa
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCL	Centro Cultural do Lucas
CEALE	Centro de Alfabetização e Leitura Escrita
CECIMIG	Centro de Ensino de Ciências e Matemática
EBA	Escola de Belas Artes
EFA	Escola Família Agrícola
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Escola Municipal
EMRCV	Escola Municipal Rui da Costa Val
ENEC	Encontro Nacional de Educação do Campo
ESA	Escola Superior Agrária
ESE	Escola Superior de Educação
FaE	Faculdade de Educação
FETAEMG	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
FIEI	Formação Intercultural para Educadores Indígenas
IPB	Instituto Politécnico de Bragança
Lecampo	Licenciatura em Educação do Campo
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
Neppcom	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Complexo
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PEI	Programa Escola Integrada
PET	Programa de Ensino Tutorial
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
Proex	Pro Reitoria de Extensão
Promestre	Programa de Mestrado Profissional
SMED	Secretaria Municipal de Educação
STP	São Tomé e Príncipe
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jardim Mandala - II Congresso Mineiro de Paisagismo - 2006. Espaço de meditação em diálogo com as plantas medicinais e aromáticas	20
Figura 2 - Jardim de Oração - III Congresso Mineiro de Paisagismo, 2007. Ponteio Lar Shopping.....	21
Figura 3 - Mestras dos estudos sobre o uso das plantas medicinais nas escolas de STP	23
Figura 4 - Botânica de STP - Flor do Bastão do Imperador	23
Figura 5 - Botânica de STP - Inhame selvagem e outras espécies.....	24
Figura 6 - Botânica na Floresta Equatorial da Ilha de Príncipe - Folha da Cebola africana	24
Figura 7 - Projeto de agroecologia urbana na Ilha de Príncipe	25
Figura 8 - Expedição com os Mestres/Médicos da Floresta Equatorial na Ilha de Príncipe.....	25
Figura 9 - Grupo da expedição na Floresta Equatorial - Ilha de Príncipe.....	26
Figura 10 – Imagens de STP.....	26
Figura 11 – Imagens de STP.....	27
Figura 12 – Mulheres de STP.....	27
Figura 13 – Crianças de STP	28
Figura 14 – Crianças de STP	28
Figura 15 – Mulheres de STP.....	29
Figura 16 - Esboço do Jardim Mandala na Escola Superior Agrária de Bragança....	30
Figura 17 - Espaço Jardim Mandala Germinar/Portugal	30
Figura 18 - Detalhe da entrada do jardim.....	31
Figura 19 – Detalhe da entrada do jardim	31
Figura 20 – Imagens Espaço Jardim Mandala Germinar	32
Figura 21 – Detalhe Jardim Mandala Germinar.....	32
Figura 22 – Imagem Jardim Mandala Germinar	33
Figura 23 - Imagem Jardim Mandala Germinar.....	33
Figura 24 - Detalhe Jardim Mandala Germinar	34
Figura 25 – Detalhe Jardim Mandala Germinar.....	34
Figura 26 - Imagem Jardim Mandala Germinar.....	35
Figura 27 - Detalhe jardim Mandala Germinar	36

Figura 28 – Produção de mudas Jardim Mandala Germinar	36
Figura 29 – Produção de mudas Jardim Mandala Germinar	37
Figura 30 – Imagem Jardim Mandala Germinar	37
Figura 31 – Convite Exposição Outono/ Bragança/ Portugal	38
Figura 32 – Convite Exposição Outono Vinhais/Portugal	38
Figura 33 – Escultura Exposição Outono	39
Figura 34 – Escultura Exposição Outono	39
Figura 35 – Escultura Rei das Fadas - Exposição Outono	40
Figura 36 - Relação das dimensões básicas e as temáticos-transversais	44
Figura 37 – Esquema Jardim Mandala.....	46
Figura 38 – Esquema sobre o conhecimento	47
Figura 39 – Esquema sobre a condição humana	48
Figura 40 – Identidade individual e identidade comum	48
Figura 41 – Caráter ternário da condição humana	49
Figura 42 -Relações estabelecidas pelos saberes tradicionais	50
Figura 43 - Espaço subutilizado na área rural e futura sede do Centro Cultural do Lucas.....	65
Figura 44 - Espaço reconfigurado e implantação do Centro Cultural do Lucas	66
Figura 45 - Detalhe da fachada do CCL	66
Figura 46 – Vista superior da intervenção com paisagismo alternativo do CCL	67
Figura 47 - Atividade de arte-educação do Projeto CCL	67
Figura 48 - Ensaios da releitura da Folia de Reis.....	68
Figura 49 - Oficina de musicalização	69
Figura 50 - Apresentação da Folia de Reis e do Boi da Manta, no Chevrolet Hall/BH	69
Figura 51 - Apresentação do figurino do grupo no Chevrolet Hall em Belo Horizonte	70
Figura 52 - Vista aérea da Escola Municipal Rui da Costa Val	73
Figura 53 - Espaços subutilizados no entorno da Escola Municipal Rui da Costa Val	73
Figura 54 - Atividade de interação criativa de terraplenagem	74
Figura 55 - Espaço dos canteiros antes e depois da intervenção	75
Figura 56 - Intervenção paisagística EMRCV.....	78
Figura 57 - Intervenção paisagística EMRCV.....	78

Figura 58 - Integração dos alunos PEI EMRCV	79
Figura 59 - Integração dos alunos PEI EMRCV	79
Figura 60 - Localização do Jardim Mandala na Unidade Fae UFMG.....	82
Figura 61 - Espaço subutilizado na FaE.....	82
Figura 62 - Espaço reconfigurado - Início da intervenção paisagística	83
Figura 63 - Primeiro ano após a intervenção no espaço Jardim Mandala.....	84
Figura 64 - Atividade de roda de conversa do curso LECAMPO/UFMG	85
Figura 65 - Canteiro em forma de mandala.....	86
Figura 66 - Tapete de folhas - Experimentação sensorial	86
Figura 67 - Memorial Botânico do jardim Mandala	87
Figura 68 - Contracapa do primeiro folder de apresentação do Jardim Mandala.....	88
Figura 69 - Interação entre crianças e o jardim	88
Figura 70 - Atividade de relaxamento da disciplina Educação e Espiritualidade.....	89
Figura 71- Rituais indígenas.....	90
Figura 72 - Rituais indígenas.....	90
Figura 73 - Casa Xacriabá preparada para atividade de relaxamento	92
Figura 74 - Estudantes da rede pública de educação	92
Figura 75 - Interação entre aluno do Centro Pedagógico UFMG e o Jardim Mandala	93
Figura 76 - Visitantes em atividade de relaxamento e reconexão	93
Figura 77 - Visita dos alunos da Educação infantil. Percurso sensorial	94
Figura 78 - Memorial botânico do jardim Mandala	101
Figura 79 - Atividade da disciplina Educação e Espiritualidade - professora Conceição Clarete (Teca)	106
Figura 80 - Atividade de meditação - professora Conceição Clarete (Teca)	107
Figura 81 - Aula sobre medicina energética – Disciplina Educação e Espiritualidade	107
Figura 82 - Meditação com mandalas - professor Daniel Ezequiel e professora Conceição Clarete.....	108
Figura 83 - Educação e Espiritualidade - fitoterapia e terapias complementares....	108
Figura 84 - Aula no Jardim Mandala - música interior – Prof. Elder convidado da disciplina Educação e Espiritualidade	109
Figura 85 - Disciplina Educação e Espiritualidade - experimentação sensorial de reconexão.....	109

Figura 86 - Professor Ferdinand Röhr e professora Conceição Clarete - aula da pós-graduação no Jardim Mandala	110
Figura 87 - Alunos da disciplina Educação e Espiritualidade no Jardim Mandala...	110
Figura 88 - Aula de expressão corporal no Jardim Mandala	111
Figura 89 - Momento do lanche no Jardim Mandala, uma prática permanente da disciplina Educação e Espiritualidade	111
Figura 90 – Cartaz do congresso	118
Figura 91 - Ambientação alternativa do auditório para a realização do congresso .	119
Figura 92 - Atividade do congresso na Casa Maxacali	119
Figura 93 - Atividade terapêutica - Biomúsica	120
Figura 94 - Sahaja Yoga no congresso	120
Figura 95 - Participantes ouvintes do congresso na Casa Xacriabá	121
Figura 96 - Palestra do Pai Ricardo no congresso	121
Figura 97 - Atividade de estudo em grupo no congresso	122
Figura 98 - Atividade da Disciplina Educação e Espiritualidade.....	122
Figura 99- Atividade do Reiki no Congresso Neppcom.....	123

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA: DESCRIÇÃO DE UMA PRÁTICA DE VIDA	19
3 O REFERENCIAL TEÓRICO	42
3.1 Realidade multidimensional: compreendendo a educação e a espiritualidade	42
3.2 O pensamento complexo	47
3.3 A oralidade e os saberes tradicionais: um retorno à simplicidade complexa	50
3.3.1 Nego Bispo: conversando com os elementos.....	52
3.3.2 Uma mestra inesquecível	57
3.4 Em busca da confluência e da síntese	60
4 PERCURSO METODOLÓGICO	62
5 ANÁLISE DO CENTRO CULTURAL DO LUCAS, DO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA DA E.M. RUI DA COSTA VAL E DO JARDIM MANDALA	64
5.1 Um centro cultural na roça: a abordagem prática e alternativa para a educação do campo	64
5.2 A educação afetiva: transição para o meio urbano	71
6 O JARDIM MANDALA NA UNIVERSIDADE: ARTE, EDUCAÇÃO, SABERES TRADICIONAIS E ESPIRITUALIDADE	81
6.1 No Jardim Mandala, é a intuição que orienta o processo	94
6.2 Decodificando elementos: os significados e a dimensão simbólica	99
6.3 Outras formas de construir aprendizados	102
6.4 A disciplina Educação e Espiritualidade e o Jardim Mandala	104
6.4.1 O formato da disciplina Educação e Espiritualidade	112
6.5 Outras vivências no jardim	112
6.6 Experiências com o espaço - relato de frequentadores	113
6.7 O VIII Congresso Neppcom¹ e o II Simpósio de Educação e Espiritualidade: A universidade em diálogo com o acolhimento, a saúde e a partilha de saberes	117
7 CONCLUSÃO	124
8 O PRODUTO	128
8.1 O Projeto Florescer na Smed	155
REFERÊNCIAS	156
ANEXOS	162

1 INTRODUÇÃO

4 Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o SENHOR Deus fez a terra e os céus. **5** Toda planta do campo ainda não estava na terra, e toda erva do campo ainda não brotava; porque *ainda* o SENHOR Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. **6** Um vapor, porém, subia da terra e regava toda a face da terra. **7** E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. **8** E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. **9** E o SENHOR Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.

(GENESIS 2:4, 9).

O tema deste estudo convida-nos a dirigir nosso olhar para a qualificação da experiência humana sob três aspectos: a educação, o cuidado e a natureza. Esses temas podem ser interligados pelas infinitas possibilidades que apresentam para o trabalho com a formação integral. O educar, o cuidar e o se harmonizar com a vida natural são, para muitos, uma meta a ser alcançada no desenvolvimento pessoal ou de uma habilidade, no despertar de uma vocação ou de uma missão de vida. Especificamente, o exercício de construir jardins como atividade ligada à natureza, além de estar entre as práticas escolhidas por muitas pessoas como um *hobby* ou como atividade de lazer, também apresenta aspecto educativo, terapêutico ou curativo de mazelas humanas, sendo uma prática que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais.

Minha trajetória como artista e as atividades profissionais em campos afins também encontraram na relação com o universo dos jardins uma forma lúdica de desenvolver meu processo de autoconhecimento e aperfeiçoamento pessoal. Na busca por encontrar um sentido filosófico e mais poético para a vida, uma vez ouvi dizer que podemos encontrar pessoas com “força interna” para construir belos jardins e outras que possuem um apurado “poder interno” para construir “poderosos” e belos jardins. É a busca dessa potência que move meu anseio de aperfeiçoamento e a vontade de servir à melhoria do planeta e à formação humana. A dimensão conceitual do termo

“poder” caminha no sentido dos significados que cada um imprime quando se envolve com o ato de plantar, semear, cuidar e fazer florescer um espaço/jardim. Pode-se construir jardins para ganhar status, pode-se construir jardins para tornar a vida mais bela, pode-se construir jardins para se relacionar e conhecer melhor a natureza e pode-se construir jardins para aperfeiçoar e curar o mundo.

Esta pesquisa focalizou o Jardim Mandala da Faculdade de Educação. O trabalho configura-se como uma trajetória de produção de memória, de apresentação de registros imagéticos e de sistematização conceitual dentro de um percurso de observação sobre um modelo de espaço educativo. O Jardim Mandala é, hoje, reconhecido como um dos vários ambientes de convivência e acolhimento da Faculdade de Educação (FaE). Ele tem se consolidado, ao longo de sua existência, como um espaço diferenciado de ensino e aprendizagem, servindo como um ambiente que vai se adequando a diferentes atividades, não só para a Faculdade de Educação como para outras unidades da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Com relação à temporalidade, tomamos para estudo o período que vai desde o início da sua criação, no ano de 2013, até o ano de 2022, quando, por meio do presente estudo, o jardim ganha a forma de uma dissertação e de um memorial foto/imagético que apresenta seus vários aspectos estéticos, suas transformações e as atividades que ali ocorreram.

O Jardim Mandala, ao longo desse período, tem instigado o lado emocional e criativo de muitos que o frequentam. Ele vem motivando ações que visam à multiplicação da proposta ou, ainda, inspirando aqueles que um dia sonham em construir um pequeno “éden” para vivenciarem momentos de bem-estar do corpo e da mente. Dentre as diferentes inspirações que o espaço provoca destacamos a possibilidade de se constituir como um lugar para se relacionar com a dimensão do sagrado e da espiritualidade, aqui considerada como uma dimensão humana.

A Faculdade de Educação, em sua missão de promover o aperfeiçoamento humano, recebe uma infinidade de sujeitos em percursos de formação como futuros pedagogos, pesquisadores e professores das mais diferentes áreas de conhecimento. Assim, nada mais inspirador do que oportunizar a partilha e o cuidado a cada um desses sujeitos por intermédio de uma ambiência que os receba

com afeto, para que o exercício e o percurso de cada um tenha mais qualidade e mais leveza.

Este trabalho traz um relato quase poético de uma experiência educativa num espaço diferenciado de formação, colaborando com as reflexões sobre algumas experiências ocorridas num modelo de sala de aula alternativa dentro de uma universidade.

A dissertação foi dividida em oito capítulos, sendo o primeiro contado a partir dessa introdução. No segundo, descrevo minha trajetória de formação pedagógica e profissional.

O terceiro capítulo apresento a fundamentação teórica do trabalho, dividida entre dois autores acadêmicos e dois mestres da tradição popular.

No quarto capítulo, discorro sobre o percurso metodológico e o desenvolvimento da pesquisa.

O quinto capítulo apresento as experiências que instigaram as questões que orientam a pesquisa e inspiraram a construção do Jardim Mandala.

No sexto capítulo, apresento o Jardim Mandala como espaço alternativo de aprendizagem, pontuando a sua história e suas extensões pedagógicas. Ainda nesse capítulo abordo sobre a disciplina de Educação e Espiritualidade, sobre o Congresso Neppcom e sobre as diversas atividades e disciplinas que dialogaram com o Jardim Mandala ao longo de sua existência.

No sétimo capítulo trago as considerações conclusivas, finalizando com o capítulo a apresentação do produto.

Como anexo incluo os depoimentos e comentários dos usuários e frequentadores, registrando os diferentes olhares do público em relação ao espaço Jardim Mandala.

2 TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA: DESCRIÇÃO DE UMA PRÁTICA DE VIDA

Ao apresentar minha trajetória de formação profissional, início pelo meu contexto familiar, que é constituído por pessoas praticantes de religiões de base cristã e espiritualista. Isso me propiciou uma aproximação com diferentes correntes filosóficas e formas de dialogar com o universo das crenças humanas. Dentre essas influências, ressalto aquelas que têm sua base na religiosidade afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda. Como um profissional de artes visuais e da educação, a proximidade com as práticas religiosas de parentes (espíritas, umbandistas, teosofistas, benzedeiros e raizeiros) propiciou uma significativa influência de contextos relacionados aos saberes tradicionais, e que hoje fazem parte da minha inspiração como um profissional da imagem. Nesse sentido, muitas das minhas produções como artista, estudante e educador, apresentam vários elementos da dimensão da espiritualidade, dos processos de cura pela medicina popular e do universo das plantas utilizadas nos rituais religiosos.

No percurso dos meus estudos, essas influências de familiares instigaram-me a estar sempre atento às possibilidades de adquirir e ampliar os conhecimentos técnicos formais e informais sobre diversas práticas alternativas de cura, cuidando, especialmente, para que não faltasse nos contextos da minha trajetória profissional a inserção dos saberes sobre o uso das plantas medicinais e aromáticas, além dos assuntos relacionados a uma dimensão mais sutil que nos constitui.

A partir das décadas de 1980 e 1990, em contato com comunidades alternativas e ecovilas, ligadas à filosofia oriental, ampliei meus conhecimentos sobre as terapias holísticas como a ioga, a medicina indiana, a medicina chinesa, a permacultura, a alimentação natural e o vegetarianismo. Daí, em diálogo com esses campos, iniciei novas pesquisas sobre paisagismo ecológico, práticas de culinária e hábitos mais naturais de manutenção ou recuperação da saúde física, emocional e mental.

A partir da década de 2000, como participante assíduo dos cursos de formação livre e de extensão universitária de escolas técnicas e da Universidade Federal de Viçosa (UFV), consolidei uma formação básica nas áreas de paisagismo, jardinagem, agricultura orgânica, agroecologia, fitoterapia e homeopatia aplicadas ao

meio rural. A cada etapa desse processo de formação mais livre, mantive a atenção para que não faltasse nas minhas produções a contribuição para trazer maior visibilidade aos saberes populares sobre a saúde, a construção de espaços terapêuticos e os quintais produtivos. Ainda nessa década, participei de congressos de paisagismo, recebendo uma premiação e alcançando reconhecimento como profissional dessa área.

Figura 1 – Jardim Mandala - II Congresso Mineiro de Paisagismo - 2006. Espaço de meditação em diálogo com as plantas medicinais e aromáticas



Fonte: Acervo pessoal / Foto Welington Dias.

Figura 2 - Jardim de Oração - III Congresso Mineiro de Paisagismo, 2007. Ponteio Lar Shopping



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Entre os anos de 2008 e 2010, atuei como educador social em comunidades rurais no interior de Minas Gerais e na região periférica de Belo Horizonte. Com essa atividade, foi possível conhecer de perto determinadas situações emergentes da vida dos sujeitos do meio campesino, principalmente, no que se refere às atividades culturais e às dificuldades das escolas do campo. Nesse contexto, passei a refletir sobre o modelo de educação pública que atende essa parcela da população brasileira residente nas áreas mais afastadas dos centros urbanos.

No ano de 2008, fixando minha residência fora de Belo Horizonte, formalizei meu registro como agricultor familiar (na FETAEMG) e como educador social voluntário (na Secretaria de Educação e Cultura da cidade de Jaboticatubas). Foi por intermédio desses dois vínculos que, no ano de 2010, ingressei na UFMG, como aluno do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo/LAL). Desde então, e até o ano de 2012, como aluno desse curso, vinculei-me à Pró-reitora de Extensão (Proex/UFMG) e à Secretaria Municipal de

Educação (SMED/PBH). Com esse vínculo, fui monitor de Artes Visuais na Escola Municipal Rui da Costa Val (em Belo Horizonte), no Programa Escola Integrada (PEI). O relato dessa atividade está no livro: “Educação Integral: contribuições da extensão da UFMG”, no capítulo “Tridimensionalidade como Arte/ Intervenções na escola”. (LINHARES; MADURO; BARCELLOS, 2015, pag. 295).

No ano de 2013, fiz uma mudança no meu percurso acadêmico, passando para o curso de graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes (EBA/UFMG), concluindo esse novo processo em 2017, habilitado como bacharel em escultura. Nesse mesmo ano, dando continuidade à formação acadêmica, passei a cursar a licenciatura de Artes Visuais, interrompendo essa formação em 2019, com a entrada no Mestrado da Faculdade de Educação (Promestre/FaE/UFMG).

Ao longo do trajeto, em diálogo com os contextos da pesquisa do Mestrado, fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Educação do Campo), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) Artes Visuais e da Formação Intercultural de Educadores Indígenas (Fiei). No intervalo dessas atividades, em 2014, participei do Programa Internacional de Graduação Sanduíche da Capes/AULP, que permitiu que eu realizasse estudos na Ilha de São Tomé e Príncipe/África (STP). Nesse programa, estudei a dimensão cultural e imagética do negro nos materiais didáticos das escolas de STP. Fiz uma imersão de criação artística, que resultou em duas exposições que retratavam as mulheres, as crianças, a botânica e a cultura geral do país. Entretanto, numa outra vertente da pesquisa, estudei com as raizeiras e médicos da floresta, numa experiência por meio da qual conheci as plantas utilizadas pela medicina popular das comunidades e das escolas da capital santomense.

Figura 3 - Mestras dos estudos sobre o uso das plantas medicinais nas escolas de STP



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 - Botânica de STP - Flor do Bastão do Imperador



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 5 - Botânica de STP - Inhame selvagem e outras espécies



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 6 - Botânica na Floresta Equatorial da Ilha de Príncipe - Folha da Cebola africana



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 7 - Projeto de agroecologia urbana na Ilha de Príncipe



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 8 - Expedição com os Mestres/Médicos da Floresta Equatorial na Ilha de Príncipe



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 9 - Grupo da expedição na Floresta Equatorial - Ilha de Príncipe



Fonte: Acervo pessoal.

Essa experiência favoreceu a produção artística das exposições no Centro Cultural da Embaixada do Brasil em STP; no Centro Cultural em Água Izé, em STP; e no Centro Cultural da Ilha de Príncipe, com o tema: “São Tomé por novos olhares” e “Olhares sobre Água Izé”.

Figura 10 – Imagens de STP



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 11 – Imagens de STP



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 12 – Mulheres de STP



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 13 – Crianças de STP



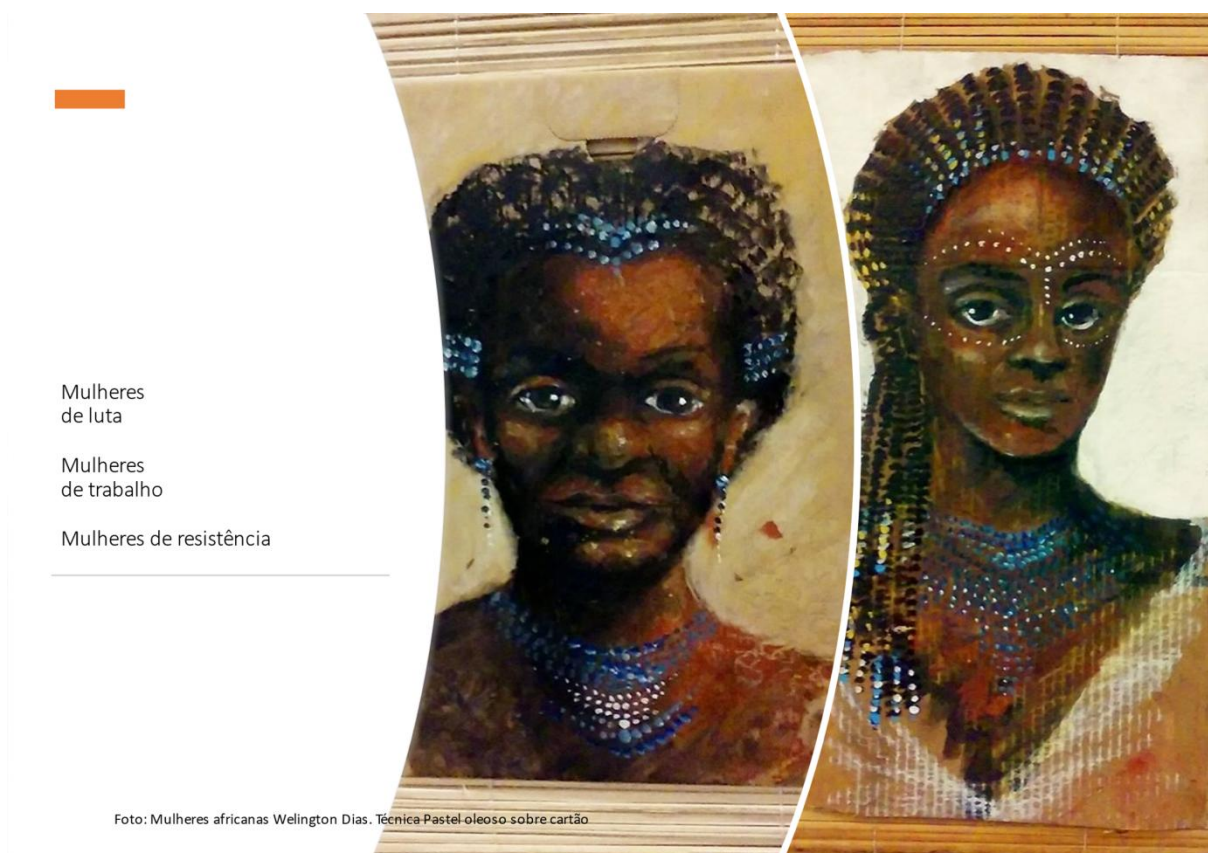
Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 14 – Crianças de STP



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 15 – Mulheres de STP



Fonte: Foto Welington Dias.

Em 2016, no Programa de Mobilidade Internacional Minas Mundi, fiz um percurso nas seguintes instituições: Escola Superior de Educação (ESE - Arte e Design); Escola Superior Agrária (ESA), do Instituto Politécnico de Bragança (IPB); e Escola de Belas Artes da cidade do Porto. O currículo abrangeu: Arte Ambiental/Escultura, Arborização do Meio Urbano, Cultivo e Produção de Plantas Mediciniais/Aromáticas e ilustração. Cursei ainda a Disciplina de Estágio na Engenharia Florestal, pesquisando, presencialmente, 12 parques e jardins botânicos de Portugal, Espanha e França. Como produto do percurso do estágio, apresentei a criação do Espaço Jardim Mandala Germinar, na Escola Superior Agrária, em Bragança/Portugal.

Figura 16 - Esboço do Jardim Mandala na Escola Superior Agrária de Bragança



Fonte: Foto Welington Dias.

Figura 17 - Espaço Jardim Mandala Germinar/Portugal



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 18 - Detalhe da entrada do jardim



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 19 – Detalhe da entrada do jardim



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 20 – Imagens Espaço Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 21 – Detalhe Jardim Mandala Germinar



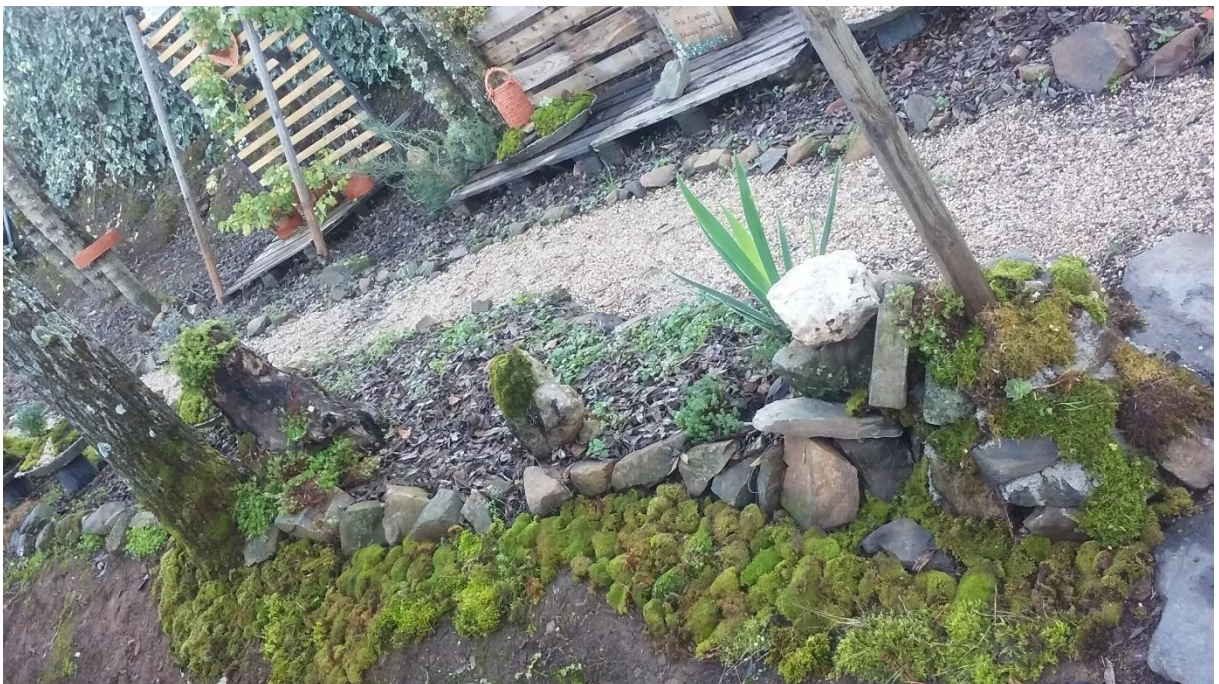
Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 22 – Imagem Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 23 - Imagem Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 24 - Detalhe Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 25 – Detalhe Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 26 - Imagem Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 27 - Detalhe jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Welington Dias.

Figura 28 – Produção de mudas Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Welington Dias.

Figura 29 – Produção de mudas Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

Figura 30 – Imagem Jardim Mandala Germinar



Fonte: Foto Wellington Dias.

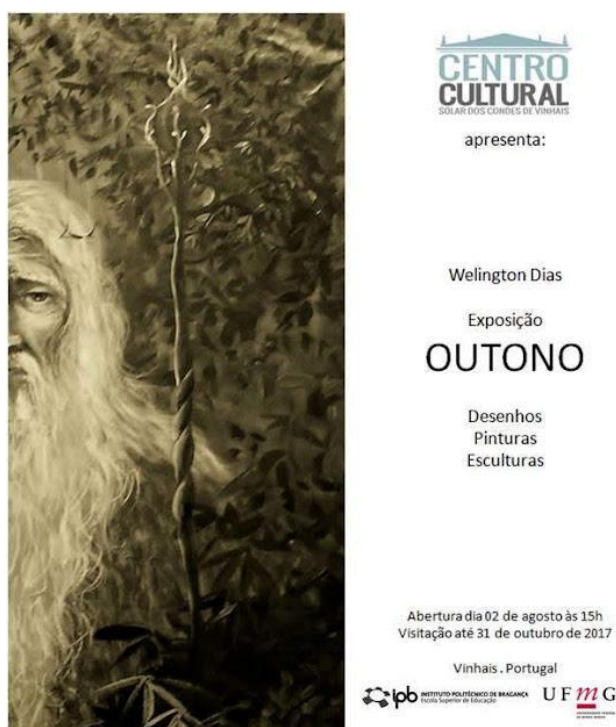
Nas atividades em artes visuais, fiz uma imersão em arte ambiental e nos estudos sobre cultura Celta, apresentando duas exposições sobre os rituais pagãos do norte de Portugal.

Figura 31 – Convite Exposição Outono/ Bragança/ Portugal



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 32 – Convite Exposição Outono Vinhais/Portugal



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 33 – Escultura Exposição Outono



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 34 – Escultura Exposição Outono



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 35 – Escultura Rei das Fadas - Exposição Outono



Fonte: Acervo pessoal / Foto Welington Dias.

No ano de 2013, iniciei a construção do Jardim Mandala na FaE, apresentando-o como proposta do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Escola de Belas Artes. Contudo, durante o percurso acadêmico e as atividades profissionais realizadas no período entre 2009 e 2019 surgiram, sem respostas, várias indagações sobre os espaços de aprendizagens alternativos e a educação que acontece fora de uma sala de aula convencional. Por outro lado, nasceu também o desejo de compartilhar as minhas experiências nesse contexto, sendo esse o motivo da minha entrada no Programa de Mestrado Profissional (Promestre), que é o curso da pós-graduação que oportuniza a pesquisa, a reflexão e a divulgação das atividades na área da educação.

Assim, com a entrada no Promestre, apresentei as seguintes questões:

a) Como sistematizar uma experiência de criação de jardim como espaço alternativo de aprendizagem?

- b) Como construir espaços educacionais com a finalidade de promover o bem-estar físico/emocional/mental dos sujeitos envolvidos no processo educativo?
- c) Seria possível inserir no currículo escolar mais atividades artísticas conectadas com o meio ambiente natural e com os saberes dos povos tradicionais?

- d) Como inserir nas escolas mais atividades ligadas ao meio ambiente e aos saberes dos povos tradicionais?

No sentido da busca das respostas, o presente trabalho oportunizou a análise e a sistematização da memória sobre a construção do Jardim Mandala, bem como de um traçado de questões a respeito das relações poético/fruitivas entre o espaço escolar e o meio ambiente natural, incluindo a formação integralizada do ser humano, principalmente, em relação à dimensão da espiritualidade.

Assim, ao selecionar as experiências pessoais relacionadas aos espaços educativos que culminaram na construção do Jardim Mandala, escolhi duas atividades ocorridas em ambientes abertos e ajardinados, e que me ajudaram a refletir sobre todo o processo de construção da pesquisa, sendo elas: O Centro cultural do Lucas, no município de Jaboticatubas, e o Programa Escola Integrada, na Escola Municipal Rui da Costa Val, em Belo Horizonte.

3 O REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica desta pesquisa se alicerça em três pilares: Ferdinand Röhr (2013), que realiza o encontro das temáticas educação e espiritualidade; Edgar Morin (2007), que traz o conceito de pensamento complexo; e em dois mestres da tradição popular, Antônio Bispo dos Santos e Makota Valdina, que estiveram presentes na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, realizada em 2018 e 2019.

3.1 Realidade multidimensional: compreendendo a educação e a espiritualidade

Nossos estudos iniciais partem do livro “Educação e Espiritualidade”, em que Röhr (2013) traz a referência fundamental da nossa linha de pesquisa, apresentando as cinco dimensões básicas do ser humano (física, sensorial, emocional, mental e espiritual) e outras doze dimensões transversais (sensual-libidinal, de gênero, lúdica, étnica, relacional-social, místico-magico-religiosa, prático-laboral-profissional, volitivo-impulsional-motivacional, político-econômica, estético-artística, comunicativa e ética) que contextualizam o tema e nos ajudam a compreender o homem na sua integralidade.

Röhr (2013) fundamentou sua abordagem sobre a integralidade por meio de seus estudos sobre a natureza humana, pelas décadas de atividades como professor e pesquisador da área da Filosofia da Educação, na Universidade Federal de Pernambuco (instituição onde também atuou como coordenador do Núcleo de Educação e Espiritualidade). O autor tem formação em matemática e pedagogia, além de atuar como terapeuta das essências florais, atividade que se constituiu como um dos muitos caminhos alternativos trilhados para construir sua concepção holística a respeito da educação e da formação humana, levando em conta uma visão mais integral.

De acordo com Röhr (2013),

Em termos mais abstratos, podemos dizer que educar é contribuir para a humanização do homem. Essa formulação implica uma dupla compreensão do humano. Sem dúvida, quando o homem nasce, ele já nasce um ser humano, no sentido que ele pertence à espécie humana e traz em si elementos de crescimento biológico, de amadurecimento psíquico e de desenvolvimento cognitivo, aos quais no seu conjunto, podemos chamar de hominização que, de forma alguma, esgotam a realização de suas potencialidades humanas. A intenção educacional é tornar o homem nesse segundo sentido, ou seja, de desenvolver nele o que tem de mais humano e que não é simplesmente resultado de sua maturação natural. Isso não implica na crença de que a plena realização de todas as potencialidades humanas seja possível. Trata-se de um processo de aproximação. (RÖHR, 2013, p.155).

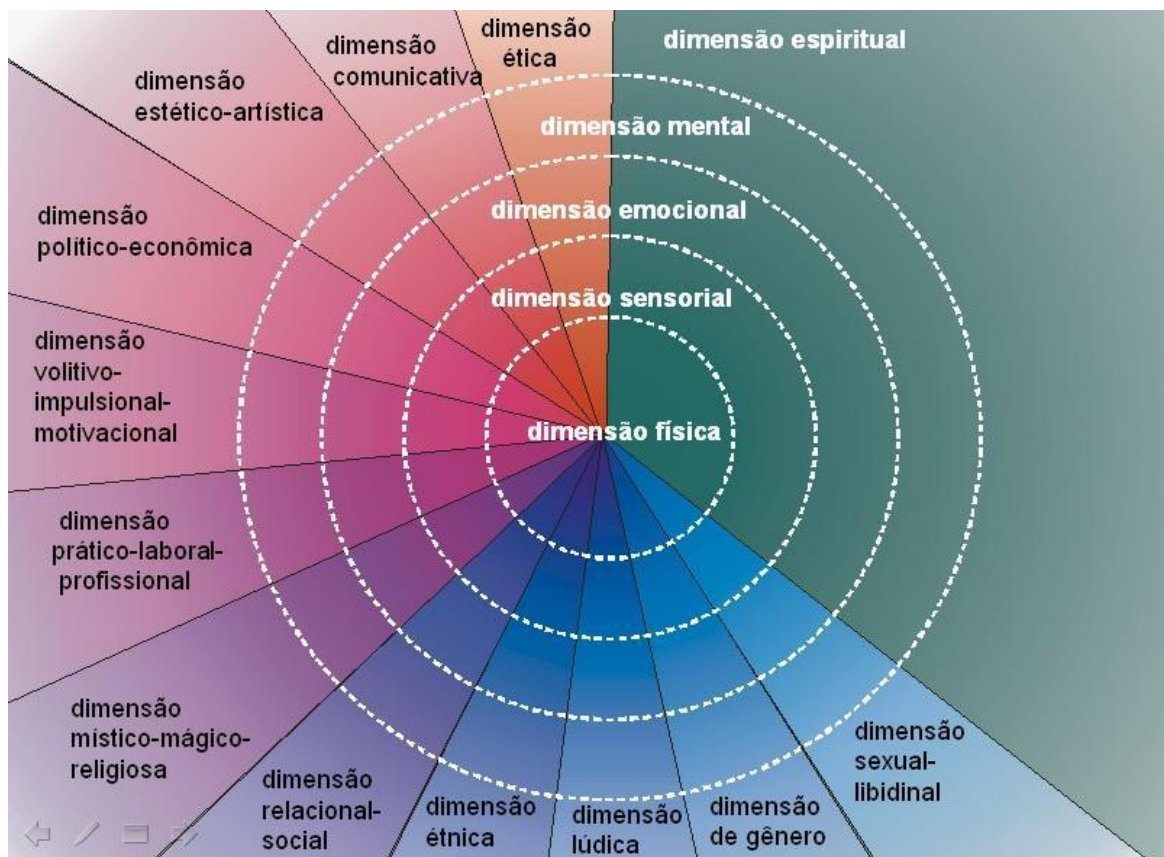
Assim, para o autor, uma formação integral seria um percurso de conexão entre a hominização e a humanização, em que se despertam e desenvolvam potencialidades inerentes à raça humana, em todos os seus níveis, desde a constituição mais física e densa até a dimensão mais sutil e espiritual. Seria, assim, estabelecer conexões significativas do sujeito consigo mesmo, com sua fisiologia, com os seus pares e com o espaço material em que vive. A educação integral é condizente com o caminho do autoconhecimento, por onde, desde a mais tenra idade, com um reconhecimento da ligação entre a existência individual e a vida de todo o cosmo, vai se construindo, como resultado desse processo educacional, o despertar de uma consciência plena de si mesmo, da interação e da responsabilidade ética para com todas as formas de vida.

Portanto acreditamos, mediante ao que Röhr (2013) nos apresenta, que a consciência de uma unidade cósmica, uma vez introjetada desde a infância, orienta para que o indivíduo faça escolhas cada vez mais coerentes e comprometidas com o equilíbrio geral da vida. O que se presume, como resultado do conceito dessa formação ampliada, é a possibilidade do sujeito ser qualificado para realizar escolhas, modos de conduta e atitudes cada vez mais revestidas de responsabilidade para com todo o planeta, exercendo uma liberdade alicerçada numa ética universal, para o pleno exercício da paz.

O professor Ferdinand Röhr (2013) organizou um esquema que explicita, graficamente, as cinco dimensões básicas e as doze dimensões temático-transversais que compõem o ser humano integral. Ele considera como ideal,

aplicarmos essa compreensão no fazer educativo, olhando para sujeitos como seres constituídos de vários níveis dimensionais de existência. Essas gradações representam a estrutura de existência que dá ao sujeito a possibilidade de vivenciar e se relacionar com todas as potencialidades de uma vida corpórea plena, ou seja, da sua experiência humana desde a dimensão mais densa até a dimensão mais sutil.

Figura 36 - Relação das dimensões básicas e as temáticas-transversais



Fonte: Cunha (2017, p. 187).

Essas gradações são assim descritas pelo autor:

Chamamos dimensões básicas aquelas que constituem, na nossa percepção, efetivamente, o ser humano, que naturalmente pertencem a ele e que são indispensáveis para a sua realização. Começamos com nosso corpo. A dimensão física inclui a corporalidade físico biológica, da qual, em parte, nem temos percepção. A dimensão sensorial é representada pelas nossas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer físico, doce-amargo, enfim, a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar. A dimensão emocional abrange a vida da nossa

psique, os estados emocionais (medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, dispersão, solidão, saudade, indecisão, pessimismo etc.) e suas respectivas movimentações e compensações. A dimensão mental do ser humano inclui, em primeiro lugar, o racional e o lógico, no sentido mais restrito, quer dizer, aquela parte em que correspondemos, naquilo que pensamos, com todos os seres humanos, os pensamentos universais, formais (lógica, matemática). Abrange também a capacidade de reflexão – de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo -, a recordação, a memória, a imaginação e a fantasia, a compensação e a criação de ideias e, finalmente, a nossa intuição, em que sabemos, sem poder justificar, em última instância, por que sabemos. A mais difícil de identificar é a quinta, a dimensão espiritual. Não se confunde essa dimensão com a religiosa, em que parte pode incluir a espiritual, mas que contém algumas características como a revelação, como intervenção direta de Deus e de um último tipo de organização social, que, dessa forma, são estranhas ou não necessárias à dimensão espiritual. (RÖHR, 2013. p. 25-26).

A partir dessa abordagem, já é possível conceber um ser humano completo, qualificado para construir e exercer seu caminho de vida, de autoconhecimento e de construção de seu estado de saúde integral. Nessa perspectiva, devemos ressaltar que o ser humano, além de ser multidimensional, é também indissociável nas suas partes, somente alcançando sua plenitude e o seu total desenvolvimento, como organismo e como sujeito, quando trabalha, em simultaneidade indissociável, todos esses níveis.

Para um intelecto mais racional, quando Röhr (2013) refere-se às dimensões básicas, existe uma maior facilidade para a compreensão dos quatro primeiros níveis, ou seja, físico, sensorial, emocional e mental. Porém, é a quinta dimensão, a espiritual, que, para o senso comum, apresenta maior dificuldade para ser compreendida, talvez por ser a mais abstrata. Ela se refere a faculdade dita como intuitiva, promovendo um entendimento a partir do que, no humano, seria imaterial. Assim, a dimensão espiritual seria um pensamento conectado com a transcendência, talvez mais próxima das inspirações abstratas e das criações artísticas.

Sabemos que o ser humano é, indiscutivelmente, uma parte da natureza, sendo dela um dependente para o seu desenvolvimento pleno, sua saúde e seu bem-estar. No entanto, existem ainda, em algumas instituições de ensino, a predominância de um pensamento mais materialista, o que conduz a estrutura pedagógica a uma

organização rígida dos seus tempos e dos seus conteúdos, o que leva a uma menor consideração das reais necessidades fisiológicas do organismo para o desenvolvimento. Como exemplo, temos a necessidade natural do corpo de se movimentar mais livremente, alongar-se, ter acesso ao ar puro e a um ambiente com uma boa e adequada iluminação. Em outras palavras, de um modo geral, as escolas não têm essa consciência ou a possibilidade de atender essas demandas naturais da constituição humana, que Röhr (2013) nos apresenta quando amplia o entendimento do homem para a condição multidimensional. Um outro exemplo é que a escola convencional não considera a importância da expressão livre do corpo durante o período em que o aluno permanece na sala de aula, o que impede a qualidade do desenvolvimento natural das funções do corpo na dimensão física. Daí, sucessivamente, vai acontecendo o mesmo com cada uma das outras dimensões humanas. Em muitas instituições, ainda predominam algumas posturas de supervalorização da aprendizagem somente nos níveis do intelecto. Desconsidera-se que existem outros níveis de constituição para o desenvolvimento humano integral. Assim, a abordagem de Röhr (2013) é apropriada a esse momento em que se deseja pensar num novo conceito de compreensão humana e promover uma abordagem educativa ampliada.

Quando foram realizadas as reflexões sobre a concepção espacial do Jardim Mandala, percebemos as dimensões do bem-estar e do conforto sensorial promovidas pelos elementos estruturais do jardim, que oferta uma espacialidade diferenciada do modelo de sala de aula das instituições convencionais de ensino.

Figura 37 – Esquema Jardim Mandala

JARDIM MANDALA

Espaço	Ensino/Aprendizagem	Dimensões Humanas
Meio ambiente natural	Conteúdos formais	Conforto físico
Ambiente frutivo	Saberes Tradicionais	Ambiente calmo e relaxante
Saudável	Aprendizagem conectada com a natureza	Espaço afetivo Espaço meditativo

Fonte: Elaborado pelo autor.

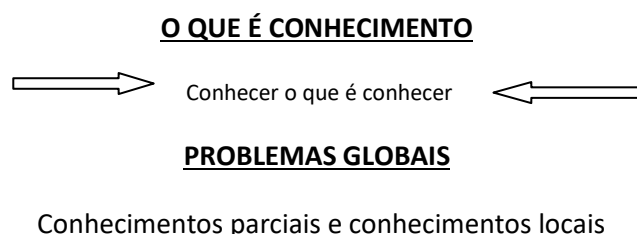
No jardim, é possível relacionar as diversas dimensões do humano. Ali o ensino e aprendizagem encontram condições básicas para tornar o processo de educativo mais saudável, frutivo e prazeroso.

3.2 O pensamento complexo

Edgar Morin (2001), no seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, apresenta as bases para pensar sobre a complexidade existente na experiência humana. Nos seus escritos, sob a forma de inspirações para uma nova maneira de nos relacionarmos com a escola, com os conteúdos para a formação e com o papel do professor, Morin (2001) compilou ideias para direcionar nosso olhar sobre a educação pela ótica de uma consciência integralizada a respeito do ser humano e, principalmente, sobre o papel do educador em relação aos conteúdos a serem ensinados.

Para Morin (2001), a consciência de humanidade pode e deve estar em constante aperfeiçoamento. O autor discorre sobre entendimentos mínimos que alicerçam a educação no sentido de um futuro melhor. Através da sua sensibilidade e da sutileza com que trata cada tópico do livro, encontramos também algumas direções para dialogar com as proposições apresentadas nessa dissertação. Morin (2001) acredita que a educação deveria se preocupar em fazer conhecer o que é conhecer, atentando-se para a necessidade de promover um conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais, introduzindo, também, conhecimentos parciais e locais.

Figura 38 – Esquema sobre o conhecimento

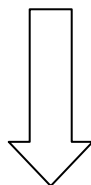


Fonte: Elaborada pelo autor.

A supremacia do conhecimento fragmentado no formato de disciplinas impede, frequentemente, que se opere o vínculo entre as partes e a totalidade. Por isso, essa visão deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto. Torna-se necessário ensinar métodos que permitam estabelecer relações mútuas e influências recíprocas entre as partes e o todo, em um mundo complexo. Nesse sentido, o autor observa que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo ensino e, aproximando-se da abordagem de Röhr (2013), defende que o ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico.

Figura 39 – Esquema sobre a condição humana

A CONDIÇÃO HUMANA



Física - Biológica - Psíquica - Cultural - Social - Histórica

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na atualidade, essas unidades complexas da natureza humana são totalmente desintegradas na educação por meio das disciplinas, tornando impossível aprender o que significa ser humano. Assim, torna-se necessário restaurá-las, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade individual e da identidade comum a todos os outros humanos.

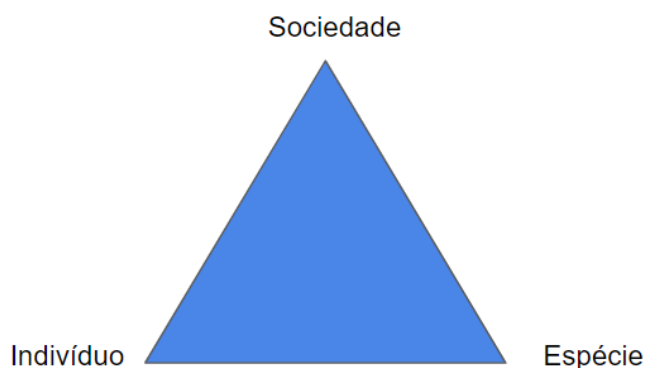
Figura 40 – Identidade individual e identidade comum

Eu individual  Eu coletivo

Fonte: elaborada pelo autor.

A respeito do destino planetário do gênero humano, a educação deve conduzir à “antropo-ética”, levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser, ao mesmo tempo, indivíduo/sociedade/espécie.

Figura 41 – Caráter ternário da condição humana



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesse sentido, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade, ou seja, a democracia; a ética indivíduo/espécie que convoca, no século XXI, à cidadania terrestre. O conhecimento de toda a evolução da era planetária, que tende a crescer no século XXI, e o reconhecimento da identidade terrena, que se tornará cada vez mais indispensável a cada um e a todos, devem se converter em um dos principais objetos da educação (MORIN, 2001).

A maneira como Morin (2001) discorre a respeito dos temas sobre a educação e a cultura vai tecendo um conjunto de posturas que apontam que a vida e os processos das relações humanas, como um todo, precisam seguir critérios de entendimentos mais amplos quando se pensa na perpetuação da vida e na possibilidade de uma existência harmoniosa com o planeta.

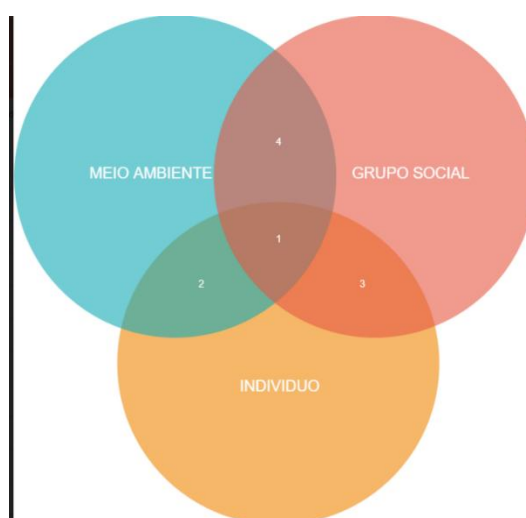
Nessa dimensão, a proposta do Jardim Mandala possibilita a ampliação do conceito de ambiente educativo para a dimensão da construção de universalidade de saberes, coletividade, solidariedade e horizontalidade, de modo que as atividades desenvolvidas sejam direcionadas para um território onde as ações não se

categorizam em gavetas. A ideia se amplia para a relação harmoniosa entre sujeitos, meio ambiente e espaço. As construções ganham patamares de convergência entre saber científico e saber popular (tradicional). Consciência ambiental ecológica, reciprocidade entre pares, cooperação, comunidade, partilha e acolhimento ganham a dimensão de mudança de paradigma de currículo preestabelecido, reconfigurando a ação do professor e superando a ideia da existência de verdades preestabelecidas, passando para a dimensão de se auto educar, ou seja, da autocontemplação, um olhar reflexivo, conforme nos apresenta Rhör (2013).

3.3 A oralidade e os saberes tradicionais: um retorno à simplicidade complexa

Ao observarmos a maneira como os grupos da tradição oral se relacionam com a produção e a transmissão dos seus conhecimentos, notamos que os processos educativos e de vida ocorrem de uma forma mais integrativa, utilizando uma simplicidade complexa, onde o complexo não se refere a complicado, mas a uma forma de construção onde se tecem diversos saberes que se entrelaçam. Então, a construção do conhecimento ocorreria a partir do entendimento de que a vida não está separada de uma visão planetária, nem da cultura e nem do trabalho (ofícios). Portanto, quando nos referimos aos saberes tradicionais, estamos diante de outra abordagem, mais horizontal, em que as construções se estabelecem em harmonia, reconhecendo que estão num mesmo nível o meio ambiente, o indivíduo e o grupo social.

Figura 42 -Relações estabelecidas pelos saberes tradicionais



Assim, percebemos que, nas tradições orais, as práticas de ensinar e aprender não são individuais, hierarquizadas ou partem de valorização de quem sabe mais, tem o maior poder aquisitivo, títulos ou prestígio social. Seus processos educativos acontecem baseados na experiência natural, no compartilhamento justo e igualitário de saberes. Todos ali têm algo a ensinar. Todos ali têm algo a aprender.

As aulas da “Formação Transversal em Saberes Tradicionais”, da UFMG, recebem como professores protagonistas vários mestres dos saberes tradicionais, de modo que é possível observar como esses sujeitos lidam de maneira mais espontânea e integrada com os conhecimentos, trazendo uma realidade potente para tocar e transformar os envolvidos no processo do ensino e da aprendizagem. Sob essa perspectiva, muda-se o paradigma de relações hierárquicas entre quem professa/instrui; amplia-se o espaço onde acontecem as trocas de saberes e redesenham-se os conteúdos da aprendizagem e o sujeito/aluno/educando. O lugar/escola potencializa-se em todo e qualquer lugar possível de se aprender sobre a vida, o mundo e a natureza. O tempo também segue essa mesma linha. Aprendo quando sinto a necessidade de adquirir conhecimentos. A aprendizagem, nesse contexto, leva em conta a escolha de cada um sobre o que quer e acha necessário aprender. É, assim, o próprio sujeito/aluno que se apresenta, espontaneamente, como o maior interessado em receber os conhecimentos dos mestres, entregando-se ao que acha realmente útil para o aperfeiçoamento dos seus conhecimentos.

Talvez isso ocorra porque os conteúdos apresentados têm singularidades das vidas e dos ofícios desses mestres, que são formados pela relação estreita com suas comunidades, seus territórios, seus corpos, a essência de sua cultura e seus ofícios. Apresentam-se numa humanidade plena, expressa nos conhecimentos que são compartilhados por meio de emoções autênticas e de uma forma peculiar de pensar e entender o mundo. Eles trazem para as aulas as particularidades de práticas cotidianas, ligadas, principalmente, à história de suas origens. Na figura desses mestres está um sujeito totalmente integrado consigo mesmo, com a sua história pessoal, sua ancestralidade, sua visão de mundo e sua missão de vida.

3.3.1 Nego Bispo: conversando com os elementos

Antônio Bispo Santos (Nego Bispo),¹ como é possível comprovar pelas rodas de conversas e palestras na universidade e nas mídias sociais, apresenta dinamismo, performance, legitimidade e naturalidade totalmente diferenciadas do ambiente acadêmico.

O seu caminho de formação pedagógica dialoga com um posicionamento humano, social e político muito autêntico. Ele organiza as suas percepções sobre os assuntos mais diversos e sobre os contextos das relações sociais e humanas em uma dimensão muito mais ampliada. Nas suas conferências, encontramos a representação de uma filosofia de vida e visão de sociedade voltada para a ordem harmonia social e cosmológica, o que revela os modos como a sua comunidade elabora e estabelece as conexões entre o eu, o nós e o cosmo. Essas conexões dialogam com um posicionamento humano e político revolucionário, que permite direcionar um olhar diferente sobre as outras possibilidades de organizar as relações com o todo. Damos destaque ao seguinte relato:

Em sua fala poderosa e provocadora, de alguém que pensa a partir dos **rios, das plantas e dos animais**, Bispo questiona consensos estabelecidos no pensamento emancipatório brasileiro e latino-americano propondo um deslocamento da compreensão do colonialismo e de seus processos de subjetivação do plano das relações econômicas para o das cosmovisões. (LOPES, 2019).

Dentre outras particularidades, Nego Bispo fala de seus mestres e de como sua comunidade organiza as relações com o mundo (com a dimensão do trabalho, dos tempos, da reverência à ancestralidade, da família e dos saberes em geral). Poderíamos imaginar essa dinâmica num modelo alternativo de espaço e conteúdo escolar em que se conjuguem concepções e conexões integradas entre corpo e vida, prática pedagógica e ofício, e extrema cooperação entre pares.

¹ Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) nasceu em 10/12/1959, no Vale do Rio Berbuengas, antigo povoado de Papagaio, hoje município de Francinópolis/PI. É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, morador do Quilombo de Saco-Curtume (São João do Piauí/PI). Ativista político e militante de grande expressão no movimento social Quilombola e nos movimentos de luta pela terra. (SABERES TRADICIONAIS UFMG, 2018). Disponível em: <https://www.saberestradicionais.org/antonio-bispo-dos-santos/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

Em seu livro “Colonização, Quilombo: modos e significações” (BISPO, 2019), Nego Bispo também apresenta, na linha do seu pensamento emancipador, as bases para refletirmos sobre os movimentos de resistência ao colonialismo, bem como sobre o caráter forte e resiliente que predomina na essência das comunidades quilombolas.

Os seus relatos favorecem o entendimento da real coerência existente no seu modo de pensar e de agir, trazendo a valorização da tradição, da natureza e, principalmente, da possibilidade de outras formas de produzir e transmitir conhecimentos. Nego Bispo (2019) manifesta uma profunda relação com o saber ancestral e o ofício, na dimensão do trabalho como ato sagrado. Sobre essa relação, a cultura africana diz:

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício as Palavras Sagradas, o contato do aprendiz com o ofício obriga a viver a Palavra a cada gesto. (KI-ZERBO, 2010, p. 189).

Este trabalho investigativo sobre a filosofia de Bispo favoreceu o encontro com algumas particularidades da organização social dos quilombos, por mim então desconhecidas, de modo que foi possível entender como permanecem como movimento social repensando o trabalho, os tempos e os valores não transitórios envolvidos em cada uma dessas instâncias.

Bispo apresenta dois modos de organizar o conhecimento: o orgânico e o sintético. O primeiro tem sua estrutura baseada numa dinâmica arquetípica circular, horizontal, conciliatória e integrada entre todas as partes – indivíduo, sociedade, cultura, trabalho e mundo. Nada é fragmentado no sentido da urgência temporal. Não existe escassez do tempo para realizar as coisas, sendo que elas são vistas na dimensão da perenidade. Nesse pensamento orgânico, consideram-se as partes no todo e o todo nas partes. Ele traça parâmetros de comparação entre modelos de organização social e religiosa, onde podemos perceber a presença de valores conciliatórios e a harmonia ou não das relações neles existentes.

Nos terreiros dos povos pagãos politeístas (nas festas, as filhas e filhos de santo (pessoas da comunidade) se organizam circularmente no centro do

terreiro (salão de festas), juntamente com a mãe ou pai de santo (animadora ou animador da festa) através de quem as deusas e os deuses se manifestam, compartilhando a sabedoria da ancestralidade e a força viva da natureza, de acordo com a situação de cada pessoa da comunidade (SANTOS, 2015, p. 40).

O segundo modo de se organizar o conhecimento, o pensamento sintético, é artificial, mecânico, hierárquico, dominador, seletivo e superficial tanto nos seus processos discursivos quanto na transitoriedade dos resultados obtidos ao longo do tempo. Fundamenta-se na obtenção de um resultado imediato e individual, nas relações de subjugação entre classes, nas relações de poder, e não nas representações igualitárias para o bem coletivo:

As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e ou equipes, segmentados do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos (SANTOS, 2015, p. 41).

No conceito do autor, o termo “confluência”, muito utilizado por ele, carrega o entendimento do que seja “com o outro”, a partir do “nós” e do que seja “nosso”, nas relações humanas. São saberes compartilhados que crescem a partir das trocas daqueles que interagem entre si, acrescentando algo mais aos saberes que foram vivenciados e compartilhados, assim, aprende-se algo mais sobre o “nós” e o coletivo (NÊGO BISPO, 2021).

Para Santos (2015), as culturas com muitos deuses e deusas são mais ricas nos seus contextos de construção do conhecimento. A Umbanda e o Candomblé pertencem a essa vertente e se contrapõem a construção da divindade suprema católica, trazida pelo colonizador. Santos (2015) acredita no ato de “confluir” ideias para construir coisas novas e, ainda assim, ser único na essência:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas (SANTOS, 2015, p. 89).

Para Santos (2015), é ultrapassada a valorização das teorias do colonizador e o que deve prevalecer é a visão cosmológica, conduzindo as vidas, organizando o conhecimento dentro de uma compreensão coletiva. Nesse sentido, as ações, as respostas e o aprendizado nos ajudam a entender verdadeiramente as coisas e o mundo. “Confluência é o encontro de vidas que compartilham experiências. Um dos movimentos de contra colonizar é sair da teoria e priorizar a trajetória, eu digo que a minha trajetória precisa sustentar o meu discurso”. (NÊGO BISPO, 2021, n. p.).

Poeticamente, Bispo sintetiza e assim nos apresenta sua ideia de resistência:

Quando nós falamos tagarelado
 E escrevemos mal ortografado
 Quando nós cantamos desafinado
 E dançamos descompassados
 Quando nos pintamos borrando
 E desenhamos enviesado
 Não estamos errando
 É que não fomos colonizados
 (NÊGO BISPO, 2021, n. p.).

E continua no seu livro a explicação sobre o que para ele é resistência “É transformar o trabalho em vida, em arte e poesia. É transformar as divergências em diversidades. [...] É retirar as notas pesadas do castigo do trabalho para fazer fluir, confluir a interação, a biointeração” (SANTOS, 2015, p.130).

Santos (2015) faz um relato histórico, que representa um manifesto e um manual de roteiros a serem refletidos, falando de coisas profundas, verdades que golpeiam a carne da sociedade atual, levando a um chamado para a reconstrução. Para colaborar com essa visão, encontramos, no posfácio do seu livro, redigido pela prof.^a Dra. Maria Sueli Rodrigues de Souza, do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Piauí, as seguintes palavras:

Mas o livro é também poesia. Poesia da vida poemada pela vida. As imagens trazidas do cotidiano de viver a biointeração é pura poesia: a garota(cabrocha) carregando água na cabeça com água escorrendo pelo corpo, os olhares se cruzam na casa de farinha exalam poesia e sensualidade e fazem parte das doces memórias de muitas pessoas que viveram essas cenas e que as tem na base de seu sentimento de amor, paixão e desejo. Inclusive eu. É também poesia o modo de fazer a pesca, a forma de lidar com a terra, no preparo da terra para o plantio, o plantio, o cuidado, a colheita. Isso remete a um sentido de vida que tem o cuidado, o amor como ética orientadora da vida. (SOUZA, 2015, p.118)

Santos (2015) resiste à supervalorização da cultura capitalista, caracterizada como uma ação de imposição da supremacia de um modelo de sociedade vigente sobre outro tradicional, com formas sutis de diminuir para dominar, subjugar e legitimar uma rede exploração, ou seja, formas de tirar do outro vantagens para si e para os seus. O que se valoriza nessas relações é o que se tem como informação (aqui diferenciando de conhecimento ou sabedoria) a mais que o outro, para que esse outro se sinta diminuído diante do opressor, tornando-se, assim, seu servo. Santos (2015, p.53) denuncia que a alfabetização pode ser considerada uma forma de desqualificar os saberes tradicionais das mestras e mestres.

Sob a ótica do autor, a natureza e seus recursos, sua conservação e distribuição são encaradas a partir de um outro paradigma e sob a égide de uma tradição mais ancestral:

Assim, como dissemos, a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. Com isso quero afirmar que nasci e fui formado por mestres e mestras de ofício em um dos territórios da luta contra a colonização (SANTOS, 2015, p. 85).

Incontestavelmente, Santos (2015) nos ajuda a relacionar os aspectos estruturais da dinâmica do Jardim Mandala com sua linha de pensamento cosmológico. O aprendizado com os elementos da natureza, a estreita dinâmica do exercício da lida com a terra e a colheita de seus produtos, as ervas medicinais e aromáticas. Nessa proposta de espacialidade, a dimensão do tempo e das atividades não seguem a ordem do rigor acadêmico, das particularidades curriculares e das disciplinas. Nas relações com o espaço e com a natureza, os tempos são organizados não em momentos de aprendizado e exercício de ofício. Portanto, o trabalho é a escola, os professores são todos os elementos do espaço, aprendemos a partir do vento, das árvores, das ervas, dos pássaros e com as pessoas. O aprendizado acontece por todos os meios de percepção. Estabelecemos a harmonia com tudo e com todos, construindo relações de ética e confiança, zelo, cuidado e acolhimento.

3.3.2 Uma mestra inesquecível

É preciso uma aldeia para educar uma criança.
(Provérbio africano).

Makota Valdina Pinto,² autora do livro “Meu Caminho, Meu Viver” (2015), esteve também presente como uma mestra na Formação Transversal da UFMG. Ela contribuiu para compreendermos as relações de ensino e aprendizagem que se estabelecem, naturalmente, nos ambientes familiares das comunidades e dos agrupamentos de religiosidade afro-brasileira. A autora prioriza, nos seus relatos, os conhecimentos que são compartilhados nos ambientes informais, nas casas de candomblé e no cotidiano da vida na periferia de Salvador. O seu discurso coerente, repleto de sabedoria ancestral, é realçado pelos relatos da sua história familiar, definindo as diferentes nações que delinham a religiosidade de matriz africana, clareando a compreensão histórica, filosófica e mitológica das diferentes nações do candomblé. Em seu discurso, são explicitadas as particularidades da vida em comunidade religiosa e a importância que vai se estabelecendo no compromisso e nas responsabilidades assumidas pelos membros da comunidade com relação à proteção, à formação e aos cuidados com as crianças, em relações que extrapolam os laços do parentesco consanguíneo.

Era mesmo uma comunidade, com outro jeito de nascer, de crescer, de viver, de educar crianças e jovens, de realizar coisas coletivamente, de se entrelaçar do nascer ao morrer... como tenho dito, em algumas das minhas falas por aí afora nos dias de hoje, o ambiente do meu tempo de criança, que guardo na memória com muito boas lembranças, teve uma importância muito grande e contribuiu para embasar a formação da pessoa que hoje sou. (MAKOTA VALDINA /PINTO, 2015, p. 28).

Essa autora apresenta os terreiros do candomblé como legítimos espaços alternativos de aprendizagem, de modo que é possível identificar, nas mães e pais de santo e na própria Makota, a figura africana dos mestres dos ofícios e os griôs³

² Makota Valdina (*In memoriam*) - A educadora Valdina de Oliveira Pinto, mais conhecida como Makota Valdina, foi uma das principais ativistas contra o racismo e a intolerância religiosa no Brasil. O nome “Makota” vem da função que exercia como conselheira da mãe de santo, no terreiro de candomblé TanuriJunsara. Professora da rede municipal de Salvador, fez parte do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, onde sempre defendeu a preservação das culturas de matriz africana. Por seu trabalho, recebeu diversas homenagens, como o “Prêmio Clementina de Jesus”, da união de negros pela igualdade, o “Troféu Ujaama”, do grupo Cultural Olodum, e a condecoração como “mestra popular do saber”, pela Fundação Gregório de Mattos. (ALMEIDA, 2019, n.p.).

(cantadores e contadores de histórias) que, por meio da comunicação oral, trabalham a perpetuação da cultura, em um fazer repleto da força da ancestralidade, de significações e de afetos.

O livro de Makota Valdina é resultado da coletânea de sua história familiar e de sua militância no movimento de resistência da Cultura Negra na Bahia. Na obra, há uma nota dos revisores América César e Lande Onawale, digna de citação:

Esse livro foi, primeiro contado várias vezes pela autora em inúmeras conversas com pessoas do seu convívio, ou que simplesmente se reuniam para ouvi-la. A oralidade é, portanto, uma marca da existência de Valdina. Ela – que tem a sina da lição – aprendeu de tal modo a observar, olhar, e escutar, que não precisa “lembrar” para trazer, com detalhes, acontecimentos da sua infância e adolescência (CÉSAR; ONAWALE, 2015, p. 8).

Em sua passagem pelo Jardim Mandala, em 2018, Makota Valdina colaborou para a compreensão do lado transcendente do processo de construção do espaço, que será explicitado no capítulo 6, onde descrevemos os aspectos simbólicos do processo de construção do jardim. É importante ressaltar aqui a centralidade simbólica e política da escrita dessa dissertação, visto que foi a partir dessa experiência com Makota Valdina, que me permiti assumir a voz intuitiva que guiou o processo de construção deste trabalho, ou seja, legitimou, para mim, um modo de executar um ofício e estar no mundo: como um artista jardineiro e místico.

A voz que orientou a colocação de cada elemento que potencializa a carga simbólica da estética que compõe o Jardim Mandala procede de uma dimensão que é espiritual e que permeou e permeia o processo de criação e recriação do espaço.

Tanto ao nível das interações com os espíritos dos antepassados, nossos ancestrais quanto com as energias contidas nos elementos da natureza são os n'kisi, vodun, orixá, criados por Kalinga, Nzâbi, Olorum, Mawu, Jeová, Javé, Deus, ou qualquer outro nome que quiserem chamar, pois o ser Criador é um só, não importa o nome. O que importa é que o Ser Criador criou esse universo, criou esse mundo, criou as plantas, criou os animais, as pedras, criou os seres humanos e tudo com sua energia, com vida, para a vida, tanto natural quanto sobrenatural. Se a gente **pega uma pedra, ela está lá em silêncio, não fala, mas fala; uma pedra pode dizer muito, e é preciso interagir com a pedra para saber, entender o que a pedra pode dizer**. A planta ainda balança, tem raiz, cresce, reproduz como a gente e morre (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 159).

Makota Valdina fala sobre os *inkises*, *voduns* e orixás como potências espirituais que permeiam nosso mundo material, influenciando-o e guiando-nos:

Ela perguntava com quem eu estava falando, eu dizia que estava falando com o vento. Ela me disse que, várias vezes, aconteceu de eu falar com o vento. Eu não me lembro disso (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 22). É por isso que, de vez em quando, eu recorro ao que fazia no tempo em que eu era criancinha e que falava com o vento. Hoje falo com minhas mães, minhas avós vivas em espírito, e eu tenho certeza de que elas me escutam...E me dão colo... E me ajudam para que eu também dê meu ombro, meu colo (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 138).

A respeito do sobrenatural, ela destaca: “É só isso? Será que somente nós estamos aqui? Vocês podem até não acreditar, mas tem mais gente além de nós aqui, conosco, interagindo”. (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 159).

E segue, explicando que, na cultura africana, tudo tem carga simbólica, os cânticos, os elementos da natureza, os nomes e as designações de funções sacerdotais:

Nijina – Um outro aspecto da nação angola que pode ser considerado como elemento de diferença é a dijina, o nome, adquirido pela pessoa iniciada no candomblé de angola seja como monankisi (mwaana n’kisi) usualmente chamada (o) filha(o) de santo, quer seja como táta, ou Makota, equivalentes ao ogã a ekede no candomblé de nação ketu. No caso dos banankisi (baana n’ksi), plural de monankisi, esses são portadores de duas dijinas ou dois nomes:

1. O nome particular de n’kisi, considerado secreto, uma só vez dito em público, no dia da dijina do n’kisi – o dia do “nome de santo”.
2. A sua própria dijina, o nome pelo qual deve ser conhecido e chamado na comunidade dos iniciados (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 151).

E continua:

Além disso, particularmente, considero receber um nome africano através da entrada de uma pessoa no grupo de iniciados como uma forma de resgatar uma identidade de origem africana, uma vez que para os africanos aqui trazidos e seus descendentes foi usurpado o direito de conservar, de manter o seu verdadeiro nome, algo tão importante nas tradições africanas, particularmente nas tradições bantu, onde o nome de uma pessoa ao ser falado emite vibrações e reforça invocando o papel que essa pessoa tem e o que ela deve ser na comunidade mais próxima, no mundo. Assim, a dijina, o nome, é algo muito mais do que um simples nome. É o que alguém deve ser no mundo; daí a grande responsabilidade no rito de dar nome a alguém, do significado do nome (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p.152).

Como venho ressaltando sobre a importância da legitimidade e da autenticidade para ser um mestre, um educador popular, na excelência dessa missão, é importante considerar que as comunidades tradicionais nos ofertam valiosas pérolas

personificadas na figura desses sujeitos, que têm a coerência legítima entre o seu “ser” e o seu “agir”. Assim, reforça-se a ideia de que a excelência só acontece quando em contato com o que realmente se é:

Antes de tudo eu gostaria de registrar que a minha contribuição neste Simpósio é de uma pessoa que pratica e vive o Candomblé. Eu não sou pesquisadora, aliás, de certo modo sou, porque foi a partir da minha iniciação no Candomblé que eu tenho buscado as origens do que nós temos como legado, e aí começou a minha pesquisa, mas de dentro para fora, partindo da minha vivência como sujeito, e não de fora para dentro; foi como sujeito do candomblé, e não tenho o candomblé como objeto de pesquisa. Foi aí que esbarrei com muita coisa escrita por aqui, pela academia, mas que, quando lia, não via a minha cara. (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 157).

Com Makota Valdina, delinheio a centralidade da dimensão espiritual do referencial teórico desse estudo sobre a estruturação do Jardim Mandala, uma vez que, de acordo Röhr (2013), o *organon* para dimensão espiritual é a intuição.

3.4 Em busca da confluência e da síntese

Nós também temos ciência. Não é considerada como tal por acadêmicos, mas é ciência, é saber, e é assim que quero colocar (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 158).

Os apontamentos de Nego Bispo e Makota Valdina sobre a forma de ser, estar e entender o mundo dialogam com as linhas de pensamento apresentadas por Röhr (2013) e por Morin (2001), quando trazem, na essência das suas reflexões, a visão integralizada de tudo. Temos aqui diferentes sujeitos pensando, aprendendo e agindo a partir de relações significativas com a vida em todos os seus aspectos, valorizando o entendimento da profunda ligação existente entre a vida natural, a vida social e a dimensão individual de cada ser. Nessas abordagens, interliga-se o sentido da unidade existente entre o indivíduo e a vida cósmica.

Contudo, ao citar Nego Bispo e Makota Valdina, dou visibilidade a um modo de vida mais conectado com a natureza, onde os conhecimentos que são compartilhados se dão a partir das experiências vividas, sempre oportunizadas pelo contato intenso com o mundo, as coisas e com todas as dimensões do humano.

Por meio de um despertar do desejo natural de conhecer e entender as coisas, de promover avanços e construir relações humanas mais harmônicas, imaginamos o caminho da convergência e confluência universal que nos leva à nossa humanidade integral e à indissociável vida na Terra.

No Jardim Mandala, encontramos uma mudança de paradigma de construção de espaços de aprendizagem, materializamos construções e reflexões sobre convivências e conveniências para uma vida melhor. Ali são abordados temas sobre saúde, vitalidade, equilíbrio emocional, convicções éticas, ações comunitárias, movimentos de solidariedade e acolhimento. Dentre as diversas atividades realizadas no jardim, destacamos a disciplina Educação e Espiritualidade, que teve afinidade com as particularidades do espaço. A experiência será relatada no capítulo 6 desta dissertação.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, fundamentada no estudo de caso, na observação participante e na produção de memória, propõe-se a refletir sobre o Jardim Mandala FaE UFMG como espaço alternativo de aprendizagem, ambiente educativo potencializado por interações afetivas, de cuidado mútuo, acolhimento e interação com o meio ambiente natural, objetivando promover aprendizados voltados para todas as dimensões humanas.

Optamos, para construção inicial do trabalho, pela descrição de duas experiências que influenciaram o projeto do Jardim Mandala e que representam a conjugação harmônica entre uma estrutura física natural, uma organização livre dos tempos e a construção coletiva das propostas de atividades desenvolvidas. Nessas experiências, conjugou-se a organização dos conteúdos práticos que, somada aos anseios dos sujeitos envolvidos, alcançou um significativo resultado em termos de qualificação das relações sociais e de ensino e aprendizagem. Assim, apresentamos o entrosamento de aspectos qualitativos em quatro instâncias: espaço, conteúdos, atividades e sujeitos.

A sistematização das experiências foi registrada por meio das imagens e da observação participativa. Ao refletirmos sobre tais propostas, percebemos fatores significativos para o desenvolvimento de competências do sujeito para a relação consigo mesmo e para sua vida social. Percebemos, também, que o sujeito humano não se dignifica na competição e na desconexão com a natureza, ele se realiza quando tem a oportunidade de estabelecer relações harmônicas em coletividade, na cooperação mútua e na valorização equânime das potencialidades de cada um para a construção de projetos.

Considerando a importância do tema e as evidências positivas já abordadas, essa pesquisa seguiu o desenvolvimento das seguintes etapas:

- a) reflexão sobre o contexto de implantação e o significado do Jardim Mandala na Faculdade de Educação, levando em conta as diversas experiências, as práticas educativas e fruitivas lá ocorridas ou vivenciadas;

- b) a compreensão da relação entre a proposta do Jardim Mandala e as experiências anteriores, como a criação do centro cultural e das atividades desenvolvidas pelo Programa Escola Integrada;
- c) realização de pesquisa exploratória voltada para produções/publicações relacionadas ao tema, considerando os instrumentos de busca em plataformas de trabalhos acadêmicos;
- d) estudo teórico sobre:
- . escola integrada;
 - . espaços alternativos de aprendizagem;
 - . acolhimento e cuidado na dimensão humana do professor e do estudante;
 - . saberes tradicionais e populares;
- e) definição e delimitação do referencial teórico e de suas categorias de análise, tendo em vista as três instituições/espços selecionados como objetos específicos da pesquisa, por desenvolverem propostas de uma educação integral que considera todas as dimensões dos sujeitos. Os espaços em questão são: o Centro Cultural do Lucas, o Programa Escola Integrada e o Jardim Mandala.

5 ANÁLISE DO CENTRO CULTURAL DO LUCAS, DO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA DA E.M. RUI DA COSTA VAL E DO JARDIM MANDALA

Neste capítulo, apresentamos os apontamentos sobre as experiências adquiridas como idealizador do Centro Cultural do Lucas e como monitor do Programa Escola Integrada da EM Rui da Costa Val, no município de Belo Horizonte. Finalizando, apresentarei o processo de idealização e construção do Jardim Mandala, na Faculdade de Educação da UFMG, experiência central desta pesquisa

5.1 Um centro cultural na roça: a abordagem prática e alternativa para a educação do campo

Entre os anos de 2008 e 2010, atuando como mobilizador e educador social em comunidades rurais, participei da criação de espaços de cultura localizados em áreas mais afastadas dos centros urbanos. A partir de então, estabeleci uma aproximação muito significativa com questões específicas desses sujeitos do campo, considerando os contextos relacionados ao acesso às atividades culturais e, principalmente, à situação das escolas que os atendem. Assim, ao refletir junto com a comunidade sobre pontos referentes à contextualização da educação rural, da valorização do seu território e da melhoria da qualidade do produto educacional a eles ofertados, fomos iniciando um trabalho voluntário de ação social nas áreas da educação e da cultura.

No ano de 2009, ampliando a minha convivência com outros grupos de trabalhadores rurais, acentuou-se o incômodo com a situação educacional desses sujeitos e me senti atravessado por várias inquietações. Num movimento coletivo, argumentávamos sobre como poderíamos construir estratégias práticas de formação, de vivências educativas em atividades de arte e lazer que pudessem acontecer ali, no local de origem deles, mas que ocorressem também fora de um ambiente escolar convencional.

Ao trabalhar na região rural de Jaboticatubas conhecida como “Comunidade do Lucas”, coletivamente, imaginamos como poderíamos desenvolver atividades culturais e recreativas (sem recursos materiais e tecnológicos mais avançados), a

partir da criação de um espaço lúdico, com uma proposta educativa e configurado como um centro de cultura rural. Tendo em vista a possibilidade materialização desse projeto, a proposta foi intitulada como "Centro Cultural do Lucas (CCL)". Já nos primeiros resultados estéticos e funcionais alcançados, o CCL passou a chamar a atenção das pessoas que estavam fora do círculo de nossa convivência. Com a primeira etapa de transformação do espaço, que compreendia apenas a reconfiguração estética da fachada, ganhamos, em um curto período, a simpatia e a adesão colaborativa tanto de moradores de comunidades mais próximas, quanto da secretaria de educação e cultura que assistia a região.

Figura 43 - Espaço subutilizado na área rural e futura sede do Centro Cultural do Lucas



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

A proposta para implementação do CCL estabeleceu algumas ações iniciais:

- a) limpeza e retirada de resíduos e entulhos;
- b) pintura da fachada;
- c) intervenção paisagística.

Figura 44 - Espaço reconfigurado e implantação do Centro Cultural do Lucas



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 45 - Detalhe da fachada do CCL



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 46 – Vista superior da intervenção com paisagismo alternativo do CCL



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 47 - Atividade de arte-educação do Projeto CCL



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

Com o início das atividades, incorporamos novas ideias e práticas para a ampliação da oferta de atividades, como:

- a) resgate da memória das práticas culturais e religiosas dos mais velhos (Folia de Reis e festividades católicas);
- b) criação de um comitê de arte e cultura popular;
- c) criação do Grupo de Teatro “Cabeça de Porco”
- d) coleta do acervo de objetos de artes e ofícios da comunidade.

Figura 48 - Ensaios da releitura da Folia de Reis



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

Figura 49 - Oficina de musicalização



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

Figura 50 - Apresentação da Folia de Reis e do Boi da Manta, no Chevrolet Hall/BH



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

A partir desses primeiros movimentos, ampliamos as ações para novas pretensões de abrangência do projeto:

- a) catalogação e organização do acervo material e imaterial da cultura local;
- b) criação de um banco de imagens: fotos, vídeos, panfletos e todo material gráfico disponível;
- c) exposição de objetos de decoração, instrumentos de trabalhos e de utensílios típicos das cozinhas rurais;
- d) criação de uma agenda de eventos de socialização: rodas de conversas e saraus.

Figura 51 - Apresentação do figurino do grupo no Chevrolet Hall em Belo Horizonte



Fonte: Acervo pessoal. Foto de Welington Dias.

No decorrer do período de estruturação do CCL, formalizei meu registro como agricultor familiar na associação de trabalhadores rurais da cidade, passando também a atuar, voluntariamente, como mobilizador e educador social da secretaria de educação e cultura. Foi a partir desses vínculos que, no ano de 2010, ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais como aluno do curso Licenciatura em Educação do Campo. Com essa entrada, estabeleci uma aproximação institucional

com sujeitos do meio rural de várias regiões do estado de Minas Gerais e de outros estados. Conheci movimentos sociais ligados às lutas para a consolidação de políticas públicas voltadas para as comunidades camponesas, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Escola de Família Agrícola (EFA) e a Pastoral da Terra. A literatura, as discussões, as participações em seminários e congressos realizados durante o curso, fortaleceram o reconhecimento da importância de se consolidar uma educação nos moldes dos anseios das populações rurais, ideais que foram apresentados ao longo dos diversos encontros nacionais e regionais sobre educação do campo.

Na dinâmica da Lecampo, além das aulas tradicionais, estava incluída a “Mística”⁴ e a participação em eventos, que, assim, ampliaram os meus conhecimentos e fortaleceram a vontade de aprofundar no estudo sobre as questões referentes aos espaços escolares do meio rural, principalmente, dos territórios informais de produção de conhecimento e das práticas de resistência e resiliência, construídos a partir da cultura tradicional dos povos do campo.

Essa experiência conjugada entre a vida no campo e a universidade constituiu-se como um alicerce para reflexões fundamentadas nas potencialidades presentes nos espaços informais do meio rural para a convivência e a formação humana, ressaltando as particularidades de aproximação com o meio ambiente mais natural e com as atividades de artes e ofícios de povos tradicionais camponeses. Valores como solidariedade, ação comunitária, ética, acolhimento e cuidado mútuo, então característicos de espaços não urbanos, potencializaram um outro tipo de olhar para a formação humana e para o alcance de um estado de bem-estar social.

5.2 A educação afetiva: transição para o meio urbano

Segundo a arquiteta Mayumi Souza Lima, “a escola é o único espaço que as cidades oferecem universalmente como possibilidade de reconquista dos espaços públicos e populares – domínio das atividades lúdicas – que as

⁴ A Mística é uma prática coletiva e enraizada historicamente dentro do MST. Através dela, o integrante do MST é capaz de criar forças e juntar-se com outros membros em torno da luta pela terra. O camponês vence a barreira do individualismo liberal e torna-se parte de um sujeito coletivo, um movimento social (COMERLATTO, 2010).

crianças e jovens perderam na cidade capitalista e industrial. Para muitas famílias com dificuldade de prover o que considerem essencial, a escola torna-se uma aliada, sendo o único lugar onde, bem ou mal, as crianças terão experiências típicas da infância. Em muitos casos, elas passam dez horas por dia no ambiente escolar.

Algumas pesquisas nos dão pistas de que as crianças têm pouco contato com a natureza nesses espaços. A razão mais aparente é o fato de parte das escolas não possuir ambientes naturais ou espaços que potencializem o brincar e o aprender ao ar livre. De fato, é notável que em muitos casos os pátios escolares sofrem com a supressão dos seus espaços, seja por serem considerados de pouca importância em termos pedagógicos, ou pelo aumento da demanda por vagas e outras infraestruturas. Porém, uma análise mais profunda do processo educacional aponta a necessidade de refletirmos e requalificarmos também as práticas, a organização, as rotinas e o tempo escolar, reconhecendo no valor do brincar e do aprender com a - e na - natureza um dos elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida. (BARROS, 2018, p. 18).

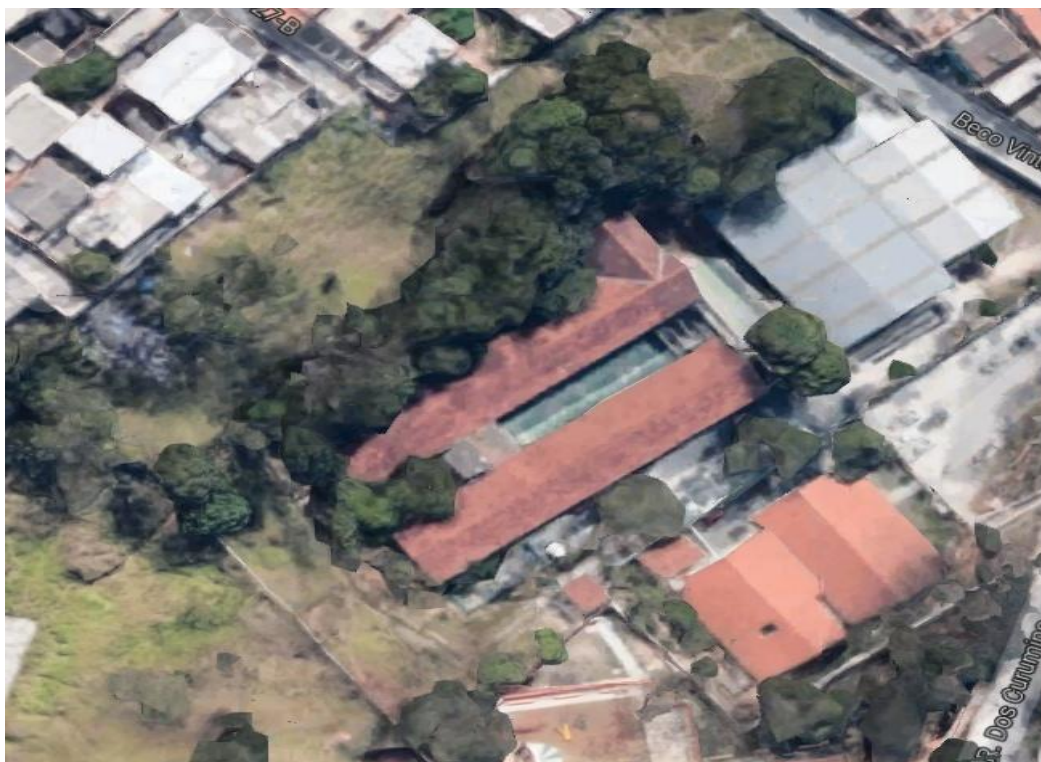
Desde o primeiro semestre do curso Lecampo e até o ano de 2012, como discente vinculado ao Programa Escola Integrada (PEI), fruto da parceria entre a Pró-Reitora de Extensão (Proex/UFMG) e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, desempenhei atividades de monitoria com oficinas de artes visuais em uma escola localizada em um aglomerado da periferia de Belo Horizonte, no PEI.

Entre os anos de 2010 e 2012, como monitor do PEI, desenvolvi o trabalho de monitoria na Escola Municipal Rui da Costa Val, que contava com cerca de 280 estudantes matriculados no referido programa, em atividades de contraturno. O PEI tem como objetivo ofertar um repertório de atividades extracurriculares diversificadas em várias áreas de educação, lazer e cultura, assim, articula-se com a autonomia da escola para a escolha das oficinas ofertadas em cada período. Como proponente de atividades em artes, organizei práticas que envolviam jardinagem, paisagismo e agricultura urbana. Trabalhei com turmas de 25 alunos, em cada turno, sendo esses provenientes de diversos níveis do ensino fundamental.

Após uma análise minuciosa da espacialidade da escola e das possibilidades da estrutura pedagógica do projeto PEI, encontrei as diretrizes para pensar sobre o que de mais interessante poderia ser oferecido como atividade lúdicas para os alunos, idealizando, também, que os conteúdos dialogassem com meu percurso formativo em artes e meus interesses futuros de avançar numa pesquisa na pós-graduação nessa linha. Todavia, procurei conduzir os procedimentos pedagógicos de modo a

atender os anseios dos alunos, as demandas e propostas educacionais da escola e do PEI.

Figura 52 - Vista aérea da Escola Municipal Rui da Costa Val



Fonte: Google Maps.

Figura 53 - Espaços subutilizados no entorno da Escola Municipal Rui da Costa Val



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

A análise da Figura 53, dos espaços da escola, mostra que, apesar de possuir extensa área verde no seu entorno, muitos espaços estavam em situação de subutilização. Essa observação apontou a necessidade de adequação da

modalidade de atividades ao ar livre, que já havíamos realizado anteriormente na área rural. A situação urbana de desvalorização dos espaços verdes para desenvolvimento de atividades educativas, estando em evidência, principalmente nessa escola, localizada em região de vulnerabilidade social, suscitou uma provocação artística. E, nessa situação, reconhecemos o quanto poderia ser produtivo motivar os alunos a reconectarem seus corpos com os espaços livres, em atividades de contraturno com um critério estético, criativo e uma boa proposta de planejamento pedagógico. Barros (2018) defende que

Reconhecemos o brincar livre como intrínseco à infância, como linguagem essencial por meio da qual a criança descobre e apreende o mundo. Na natureza, a criança brinca através da inteligência do seu corpo e está potente. Ao mesmo tempo, a natureza é ninho e refúgio para momentos de solidão e introspeção. (BARROS, 2018, p. 10).

Como atividade experimental com as crianças, apresentei formalmente as oficinas de artes associadas à intervenção paisagística, propondo a construção de espaços/jardins temáticos utilizando plantas medicinais e aromáticas. No decorrer do processo, esses espaços passaram a ser nossa sala de aula ao ar livre.

Figura 54 - Atividade de interação criativa de terraplenagem



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 55 - Espaço dos canteiros antes e depois da intervenção



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Buscando minimizar os impactos da permanência prolongada dos alunos em dois turnos na escola, percebemos que seria fundamental que as atividades culminassem em uma experiência produtiva tanto a satisfação desses alunos, quanto para a qualificação dos espaços e o atendimento das demandas pedagógicas da escola. Barros (2018) acena para uma situação recorrente da contemporaneidade: o distanciamento entre os sujeitos e a natureza e as desastrosas consequências advindas dessa realidade:

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise de nosso tempo. Especialmente no contexto urbano, independentemente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade -falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física- e miopia são alguns dos problemas de saúde evidentes causados por esse contexto. Além destas, diversas consequências menos reconhecidas fazem parte desse cenário. (BARROS, 2018, p. 14).

O quadro apresentado por Barros (2018) aponta que essa situação não se circunscreve somente à infância. Assim:

Os sintomas e efeitos dessa desconexão compõem um problema sistêmico que está levando a profundos impactos em todas as gerações, especialmente crianças e idosos, afetando a qualidade de vida em todos os territórios. Os fatores responsáveis por esse cenário, como saúde, planejamento urbano, mobilidade, uso de eletrônicos, desenvolvimento econômico e social, violência, conservação da natureza e educação, são complexos e estão inter-relacionados. Esse cenário, no entanto, varia de intensidade dependendo da classe social e da realidade específica de cada um, e seus impactos são mais agudos e presentes nas cidades e bairros densamente habitados e de alta vulnerabilidade social, onde as condições para uma infância saudável e plena estão muito ameaçadas. (BARROS, 2018, p.16).

A dinâmica da escola oportunizava o funcionamento nos três turnos, atendendo um público desde o ensino fundamental até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, as mudanças a partir do desenvolvimento das atividades de arte e paisagismo na escola foram percebidas também pelo público do noturno que, no entanto, não tinha contato direto com a escola. Chegaram ao nosso conhecimento os comentários sobre o quanto a escola estava mudando, com a qualificação dos cuidados com as áreas verdes e a estética dos muros. Nossa proposta foi ganhando força e adesão do público-alvo, no caso os alunos do PEI, passando a ser uma das atividades mais procuradas por eles. Essa atividade durou, aproximadamente, quatro semestres, período em que pude construir, em regime de planejamento coletivo, as intervenções estéticas e funcionais dos diversos espaços da escola. Com isso, trabalhamos a elevação da autoestima dos alunos e o sentimento de pertencimento em relação ao conjunto das transformações ali ocorridas. Alcançamos, também, um significativo resultado de redução da evasão escolar e o aumento do interesse geral da comunidade no sentido de estabelecer um contato mais efetivo com nossas atividades.

Pelo caráter mais lúdico e participativo, característico dessas atividades e com resultados impactantes na transformação dos espaços abertos da escola, transfigurou-se o carisma dos locais onde aconteceram as intervenções, que passaram de espaços inertes para recantos de ocupação efetiva, vibração, arte e criatividade.

Nas oficinas de criação de jardins da EMRCV, registrei todas as etapas do processo, guardando um memorial com o intuito de divulgar dentro da SMED os resultados alcançados. Com isso, ampliamos as intervenções para outros espaços, como o centro de saúde localizado ao lado da escola e o Centro de Referência de Assistência Social do bairro. Essas outras intervenções foram resultantes da divulgação dos próprios alunos que participaram das oficinas.

Em todas as atividades, fui incluindo conceitos de Arte Ambiental,⁵ princípios do Paisagismo Ecológico,⁶ elementos da Geometria Sagrada⁷ e fundamentos da Agroecologia. Aproveitando a boa aceitação desse público escolar, propus que também utilizássemos as plantas medicinais e aromáticas na composição do paisagismo. A proposta foi acolhida com sucesso.

Na oportunidade do encontro prático com essas abordagens, conseguimos influenciar positivamente o imaginário dos alunos. Como resultado, tivemos a resignificação funcional dos espaços, o que refletiu, qualitativamente, no comportamento e na forma de ocupação dos locais por parte de toda a comunidade escolar. Registramos, além disso, que a comunidade escolar passou a cuidar dos espaços, trabalhando em parcerias para a qualificação da instituição, das atividades dessa iniciativa de formação e cidadania para as crianças.

⁵ Arte Ambiental - gama de práticas artísticas que engloba as abordagens históricas da natureza na arte e os mais recentes tipos de trabalhos ecológicos e politicamente motivados. A arte ambiental evoluiu para longe das preocupações formais, elaboradas com a Terra como material escultural, para uma relação mais profunda com sistemas, processos e fenômenos em relação às preocupações sociais. As abordagens sociais e ecológicas integradas desenvolvidas como uma posição ética e restauradora emergiram na década de 1990. Ao longo dos últimos dez anos, a arte ambiental tornou-se um ponto focal de exposições em todo o mundo, à medida que os aspectos sociais e culturais das mudanças climáticas se tornaram vanguardistas. (ARTE, 2022).

⁶ Paisagismo Ecológico – abordagem da área do paisagismo que dialoga com conceitos de estruturação de espaços verdes e ajardinados a partir dos princípios da agroecologia e da diversidade de espécies vegetais, no intuito de aproximar de uma configuração mais natural e espontânea e menos comercial.

⁷ Geometria Sagrada – estudo que procura conhecer não somente as simples medidas, mas busca explorar os padrões energéticos mediante os quais todas as formas foram criadas com base na Unidade ou no Todo metafísico: desde o desenvolvimento de um embrião aos padrões que seguem a formação e os ritmos dos planetas, das galáxias das manchas e das linhas na pele dos animais, ou a maneira como se estruturam as moléculas do DNA. (ZATÓN, 2017, p. 9).

Figura 56 - Intervenção paisagística EMRCV



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 57 - Intervenção paisagística EMRCV



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 58 - Integração dos alunos PEI EMRCV



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 59 - Integração dos alunos PEI EMRCV



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Nesse sentido, a proposta alinhou-se ao que foi proposto por Barros (2018):

Como inspira um provérbio africano, para educar uma criança é preciso toda uma aldeia. Todos os espaços, tempos, pessoas e oportunidades da aldeia. Mas, para isso, a escola também precisa reorganizar em seus tempos, espaços e relações. Para que uma escola se proponha a desenvolver a educação integral, é necessário que ela repense seus espaços educativos disponíveis aos estudantes, seja ela uma escola de educação infantil, ensino fundamental ou médio. É preciso levar os espaços escolares para o além das salas de aula e potencializar um uso pelos estudantes que transcenda as tradicionais funcionalidades da instituição escolar. **Faz-se também necessário ampliar a concepção de que o aprendizado só ocorre dentro dos espaços escolares, especialmente as salas de aula, e valorizar todo e qualquer espaço da escola interno ou ao ar livre, assim como os espaços extramuros.** Tudo é potencialmente território educativo e, portanto, sujeito a acolher a intencionalidades pedagógicas. (BARROS, 2018, p. 28).

Configurando-se como uma atividade prática inter e transdisciplinar, o projeto ganhou o apoio da coordenação da Proex UFMG, dos gestores, professores e coordenadores do PEI e da SMED. Conseguimos chamar a atenção dos parceiros para a concepção da escola como um espaço protagonista do movimento que denominamos de “cidade escola de natureza e formação integral ativa”.

6 O JARDIM MANDALA NA UNIVERSIDADE: ARTE, EDUCAÇÃO, SABERES TRADICIONAIS E ESPIRITUALIDADE

Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde, um jardim aparecerá.

Rubem Alves.

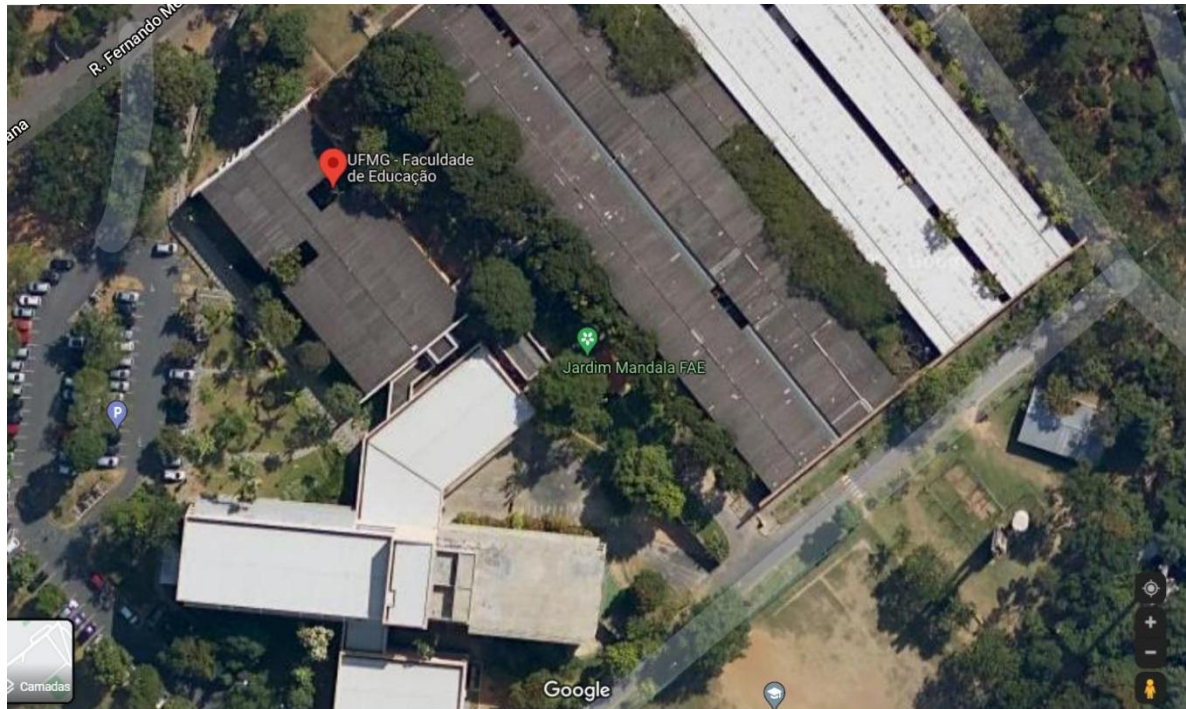
Dentro de mim mora um palhaço e um poeta...Se eu não fosse escritor acho que seria um jardineiro. No paraíso Deus não construiu altares e catedrais. Plantou um jardim. Deus é um jardineiro. Por isso plantar jardins é a mais alta forma de espiritualidade.

Rubem Alves

No ano de 2013, migrando do Lecampo para o curso Artes Visuais, da EBA da UFMG, permaneci ainda vinculado à Faculdade de Educação, por meio da atividade de intervenção artística e paisagismo em um espaço sem visibilidade, localizado no entorno do prédio antigo dessa unidade. Ao observar essa área externa, vi que ela possuía uma construção de madeira onde funcionava, anteriormente, o depósito de materiais dos operários da construção do novo anexo da FaE. Com o término dessa obra, essa construção de apoio passou a ser utilizada como depósito de lixo e de materiais descartáveis para reciclagem. No decorrer do tempo, ao lado da construção, foi colocada uma divisória de tapumes, onde foram depositadas muitas peças de mobiliário danificados e outros materiais deteriorados para descarte.

No aspecto geral, o espaço passou a ter uma imagem não muito agradável aos olhos das pessoas que circulavam pelos corredores laterais da faculdade. No ano de 2013, após minha solicitação, obtive a autorização da diretoria para iniciar uma intervenção artística, seguindo a proposta de construir um espaço ajardinado de acolhimento e convivência. Contudo, o objetivo foi também oferecer à comunidade acadêmica o contato com uma experimentação estética tridimensional. Essa proposta trazia canteiros de plantas medicinais e aromáticas em formato de mandalas. Estava sendo idealizado um espaço onde alunos, professores, funcionários e visitantes encontrariam a oportunidade de se relacionarem em um local com tempo diferenciado para permanência dentro da UFMG.

Figura 60 - Localização do Jardim Mandala na Unidade Fae UFMG



Fonte: Google Earth.

Figura 61 - Espaço subutilizado na FaE



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 62 - Espaço reconfigurado - Início da intervenção paisagística



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Durante dois anos, fiz pequenas intervenções, observando as percepções das pessoas sobre o trabalho que estava sendo ali realizado. Em 2015, com a entrada da nova gestão da diretoria da FaE, reapresentei as experiências de intervenção com o paisagismo realizadas no PEI e em Jaboticatubas e, a partir desse momento, consegui a autorização e a parceria institucional para dar continuidade ao projeto de intervenção artística e multidisciplinar de construção do Jardim Mandala. Naquele momento, os objetivos estruturais da proposta direcionavam-se para trabalhar o resgate dos saberes populares sobre farmácia viva e promover a ocupação estética inspirada nos jardins das benzedadeiras e dos raizeiros, que são muito comuns em diversas regiões do interior Brasil, principalmente de Minas Gerais.

De maneira espontânea e prioritariamente conceituada numa abordagem estética simbólica de afeto e acolhimento, o projeto continuou ganhando a simpatia da comunidade acadêmica, de quem já vinha recebendo doações de mudas e de outros elementos estéticos para a composição do local, como: móveis, troncos, ferramentas, caixotes, gavetas e vasilhames. Com a parceria dos novos diretores, dos funcionários da FaE e dos simpatizantes do espaço/jardim, conseguimos dar um caráter mais definido à construção do que é hoje o Jardim Mandala FaE UFMG.

Figura 63 - Primeiro ano após a intervenção no espaço Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

No resgate das experiências de construção e ao longo da minha permanência como cuidador do jardim, colhi vários depoimentos, vindos de visitantes das mais diversas áreas de atuação e formação da UFMG, sobre as impressões neles despertadas. Nesses relatos, destacavam-se comentários sobre as sensações de relaxamento, nostalgia e bem-estar promovidos pelo resgate de uma memória afetiva até então guardada, mas que fora despertada a partir do contato com a diversidade de aromas e elementos estéticos presentes no jardim. Logo, a partir do pensamento de Ferdinand Röhr (2013), identifica-se nessas experiências as dimensões física, sensorial e emocional. Nesses depoimentos, foi ainda realçado que a configuração do local convidava para uma reconexão com a natureza e que, por apresentar um paisagismo diferente dos jardins convencionais da UFMG, a experimentação deveria ser reproduzida em outras unidades. Passou a ser comum que professores, estudantes e visitantes buscassem o Jardim Mandala para usufruírem, também, de um conforto térmico oferecido pelo espaço, pois ali a temperatura era diferente da que encontravam dentro das salas do prédio. Para esses usuários, era

surpreendente e inovador encontrarem um ambiente tão informal e aconchegante, de conformação tão diferenciada dos outros espaços da UFMG.

Figura 64 - Atividade de roda de conversa do curso LECAMPO/UFMG



Fonte: Acervo pessoal / Foto Welington Dias.

A proposta do Jardim Mandala buscou ampliar essa provocação estético/sensorial, por meio de uma conformação mais afetiva, confortável e relaxante, de modo que o espaço promovesse também a resgate do estado de saúde física, emocional e mental. O objetivo foi que esse modelo de ambiência inspirasse a comunidade a reproduzi-lo como modelo de sala de aula alternativa, mas também inspirando a criação de outros espaços em instituições de ensino da educação básica, repartições da rede pública, postos de saúde e hospitais.

Figura 65 - Canteiro em forma de mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto Welington Dias.

Figura 66 - Tapete de folhas - Experimentação sensorial



Fonte: Acervo pessoal / Foto Welington Dias.

Figura 67 - Memorial Botânico do jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 68 - Contracapa do primeiro folder de apresentação do Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias.

Figura 69 – Interação entre crianças e o jardim



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Wellington Dias.

Figura 70 - Atividade de relaxamento da disciplina Educação e Espiritualidade



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

O Jardim Mandala acolheu várias disciplinas e atividades na FaE.

a) Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo)

- . Espaço de descanso dos alunos
- . Espaço de estudos individuais e em grupo
- . Sala de aula alternativa
- . Espaço de convivência para socialização

b) Formação Intercultural para Educadores Indígenas (Fiei)

- . Sala de aula alternativa para as disciplinas do currículo do curso
- . Espaço de estudo individuais e em grupo
- . Espaço de convivência e socialização
- . Espaço de manifestações culturais e ritualísticas
- . Espaço de estudos práticos de Ilustração Científica

Figura 71- Rituais indígenas



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 72 - Rituais indígenas



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

- c) Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (CEALE)
- . Sala de aula alternativa
 - . Espaço de apresentações culturais (saraus)
 - . Tertúlia literária
 - . Rodas de conversa

- . Recepção e socialização de visitantes do setor
- . Confraternizações
- . Espaço de convivência, de relaxamento para alunos, funcionários e professores do setor.

d) Centro de Ensino de Ciências e Matemática (CECIMIG)

- . Aulas expositivas
- . Sala de aula alternativa
- . Espaço de apresentação de trabalhos
- . Espaço de convivência, de relaxamento para alunos, funcionários e professores do setor.

e) Ações afirmativas

- . Apresentação de trabalhos e defesas.
- . Aulas expositivas.
- . Apresentação de saraus, música e performances.
- . Confraternizações e recepção de convidados e visitantes.
- . Espaço de convivência, de relaxamento para alunos, funcionários e professores do setor.

f) A Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG

- . Apresentação de aulas presenciais com os mestres do saber popular
- . Espaço de construção das Casas Indígenas
- . Atividades práticas com oficinas da disciplina
- . Recepção de convidados
- . Reuniões do setor
- . Espaço de gravação em audiovisual dos diversos temas

g) A Secretaria Municipal de Educação (SMED)

- . Espaço de visitação e atividades externas das escolas da educação básica e infantil
- . Espaço de convivência e confraternização
- . Espaço de relaxamento e descanso dos professores participantes dos cursos de formação continuada da rede municipal.

Figura 73 - Casa Xacriabá preparada para atividade de relaxamento



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias

Figura 74 - Estudantes da rede pública de educação



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias

Figura 75 - Interação entre aluno do Centro Pedagógico UFMG e o Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias

Figura 76 - Visitantes em atividade de relaxamento e reconexão



Fonte: Acervo pessoal / Foto Wellington Dias

Figura 77 - Visita dos alunos da Educação infantil. Percurso sensorial



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

6.1 No Jardim Mandala, é a intuição que orienta o processo

Então, nós, nesse plano físico, estamos o tempo todo em contato com o plano espiritual. Nem sempre damos conta das sinalizações, das irradiações desse outro mundo, ou às vezes não acreditamos, ou não vemos, ou não queremos ver desse jeito, mas isso é uma realidade e está aí para todo mundo, não importa a raça, a cor da pele, se acredita ou não. (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 159).

É nas matas, nas florestas que se segue os passos, as pegadas dos nossos ancestrais, dos antepassados; é nas florestas, nas matas que buscamos os remédios, é daí que vem os alimentos. (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 160).

Às vezes eu leio páginas inteiras de textos saídos da academia com um monte de palavras e de conceitos do cientista que na realidade eu não leio porque não consigo entender aquela linguagem, aquele pensamento, aqueles “códigos” do cientista acadêmico. E isso não é senão o feitiço da academia. Nós também temos nossa linguagem, nosso pensamento, nossos códigos, nossos jeitos de ler a realidade e interagir com essa realidade por nós pensada, imaginada. (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 161).

Uma fonte natural, um curso d'água, a mata, as pedras, uma montanha, o cruzamento dos caminhos, por exemplo, na visão do povo de candomblé tem significados profundos, que denotam uma identidade com uma visão de mundo muito antiga e distante da visão de mundo dos ditos “civilizados”, “cultos”, “detentores do”. Afinal, quem mais tem contribuído para a

devastação da natureza senão esses aí? (MAKOTA VALDINA/PINTO, 2015, p. 173).

Lanço mão da licença poética para falar, numa produção acadêmica, sobre um tema que é pouco comum no ambiente da universidade, tendo em vista seu formato tradicional de pensamento focado na materialidade, ou seja, naquilo que é palpável aos sentidos.

Tais reflexões alinham-se com particularidades específicas da minha natureza mais mística, dos conhecimentos obtidos em outras linhas de estudos (Ocultismo, Hinduísmo, Terapias complementares, Religiões, Reiki) e pelos caminhos por mim percorridos em busca do autoconhecimento. Assim, posso afirmar que foi a partir dessas particularidades e conhecimentos que se estruturou o que hoje eu sou como artista, jardineiro, bem como a concepção e a construção do Jardim Mandala.

O Jardim Mandala nasceu de uma experiência que extrapola as dimensões básicas, sendo muito mais mística do que científica, a partir do contato com dimensões paralelas a esse nosso mundo físico. Veio da inspiração, da intuição e da transcendência aos sentidos mais densos. Por mais que eu queira afirmar que ele é resultado de processos racionais, ou seja, da dimensão mental, isso não faz sentido para mim.

É esse o campo de pesquisa que se abre para os aprofundamentos decorrentes das reflexões desta dissertação. O ponto central da vivência da pesquisa é refletir sobre a construção de um espaço de produção de conhecimento, cuidados, convivência e acolhimento de pessoas.

A Homeopatia⁸ e sua fundamentação teórica, durante um importante período da minha trajetória, influenciou os trabalhos profissionais realizados, quando pude utilizar os conhecimentos adquiridos na Universidade de Viçosa sobre o uso da radiestesia⁹ para a leitura de ambientes e dinamizações dos preparados

⁸ A homeopatia é um método terapêutico que consiste em prescrever a um doente, sob uma forma diluída e em pequeníssimas doses, uma substância que, em doses elevadas, é capaz de produzir num indivíduo sadio sinais e sintomas semelhantes aos da doença que se pretende combater. Este método foi criado no fim do XVIII, pelo médico alemão Samuel Hahnemann 1755-1843. (PNPIC, 2015).

⁹ Radiestesia – ou radioestesia - é um tipo de adivinhação empregada para tentar encontrar objetos, seres vivos ou elementos da natureza, como água, minérios, pedras preciosas e outros, sem o uso de equipamentos científicos. Geralmente envolve o uso de bastões, galhos em Y ou pêndulos. A

homeopáticos (UFV, 2009). Assim, todo esse processo, inicialmente, teve o apoio de instrumentos utilizados nessa técnica de medicina alternativa (Por exemplo: pêndulos, cristais e forquilhas). No entanto, no desenvolvimento dessas práticas, fui, aos poucos, dispensando o uso desses instrumentos e passando a utilizar as impressões da minha dimensão material (corpo), que informava a respeito das características dos diferentes ambientes em que elaborava as leituras energéticas e as intervenções.

Na Faculdade de Educação, por volta do ano de 2012, numa leitura inicial e subjetiva, o lugar onde hoje existe o Jardim Mandala já se apresentava com um fluxo vibrante de energia, perceptível por um outro tipo de sensibilidade, não era nem visual nem cinestésica, ou seja, algo perceptível de acordo com as dimensões imanentes ou qualquer outro meio físico/sensorial de percepção. A sensação, durante o tempo em que estive observando o local, era de que existia ali um som, uma música que não era percebida pelos ouvidos, que definia o ritmo do movimento do ar e da luz percebidos em diferentes horários do dia ou da noite.

Assim, não foram realizados estudos técnicos, desenhos ou projetos para a implantação do espaço. Foram impressões intuitivas que direcionaram o que eu percebia com outros sentidos. Do ponto de vista de Ferdinand Röhr (2013), podemos dizer de cifras da transcendência, que eu notava através de meus sentidos. Sentia que ali se materializaria um local de encontro de pessoas para atividades e estudos diferenciados dos conteúdos abordados na faculdade. Esse local, para mim, já existia vibrando em outra dimensão. A partir de então, passou a ocorrer o processo de materialização e construção, seguindo para os impulsos de um outro tipo de trabalho, mais prático, de manuseio da terra, delimitação do espaço e decisão sobre a posição de cada um dos elementos e ambientes do jardim.

Entre os romanos da Antiguidade, havia o culto a divindades ou gênios que seriam os guardiões ou princípios energéticos inteligentes que regiam os vários espaços da vida urbana, cada ambiente residencial, campo de batalha, encruzilhada ou santuário de adoração:

radioestesia é uma pseudociência. Seus defensores alegam possuir a capacidade de captar radiações e energias emitidas pelos objetos e materiais buscados, mas não existe evidência de que exista tal radiação ou que os métodos usados em radiestesia sejam capazes de detectar qualquer coisa, ou de encontrar água com probabilidade maior que ao acaso. (WIKIPÉDIA, 2022a).

Lares eram divindades da religião romana antiga. É mais comum a forma plural, “os lares”, que em referência direta ao latim Lares familiares, como nome coletivo para indicar os espíritos que poderiam proteger ou prejudicar uma família romana (conjunto de pessoas), incluindo os servos e os escravos.

Por sua vez, a existência do singular “Lar” por família, que protegia tanto o local onde se vivia como a própria família. O seu sentido coletivo talvez seja resultado da multiplicidade de “Lares” (familiae) e também da variedade de divindades domésticas, que também englobavam os Penates e Vesta.

Tanto as fontes literárias quanto as arqueológicas mostram que os Lares estavam bastante presentes no dia a dia dos romanos; seu culto desempenhava papel principal, pois, desde os ritos no período arcaico, os Lares representavam a proteção e a continuidade da família.

Como, além da casa, também o espaço exterior precisava de proteção, os Lares, assumindo papel protetor do campo, eram apaziguados durante a Compitalia, nos cruzamentos (compila) dos caminhos. Assim, existem Lares para quaisquer lugares com os quais a pessoa ou a sociedade como um todo tenha relação importante ou duradoura, como: os campos, os cruzamentos, os caminhos, as casas, os lugares de batalha.

Por isso outras tantas formas existiam de Lar, não apenas o familiar, conforme a proteção que lhe era creditada, especialmente quando considerado no seu âmbito público. (WIKIPÉDIA, 2022b, n.p.).

De certa forma, foram essas cifras impressões que conduziram intuitivamente a ativação de cada parte do jardim. Portanto, não existiram formulação de esboços gráficos a serem seguidos para a materialização do projeto. Vozes internas, intuitivas, de uma dimensão transcendente e de outras dimensões de existência estiveram e estão presentes no local. Por muitos dias passei em isolamento, no contato com o espaço, procurando “ouvir” o que esses seres falariam ou como direcionariam os procedimentos do trabalho.

Alguns conhecimentos básicos sobre Geometria Sagrada, Geobiologia, Numerologia e Feng Shui foram somados a essas percepções, que culminaram no dinamismo do espaço/jardim, que se modifica a cada semestre, aproximando-se cada vez mais de um modelo que está numa dimensão mais abstrata, transcendental, paralela à nossa dimensão física.

Hoje tenho para mim que o local ainda está se construindo e em permanente evolução, considerando a sua constituição física/estética/energética. A cada intervenção que vem sendo elaborada, o espaço revela os pontos chamados “força”, ou melhor dizendo, o percurso ideal para o fluxo pelos caminhos de circulação, sensorial e curativa para quem visita o jardim.

As impressões extrassensoriais¹⁰ que se percebem entre a imaginação e a prática artística são as que trazem a melhor explicação sobre o trabalho que vem sendo realizado no local. Talvez a poesia dê conta disso. A linguagem poética e artística carrega o que nos falta na racionalidade, para conceber o que seria o inconcebível ao raciocínio lógico, a uma verbalização cientificamente eloquente ou a uma escrita acadêmica. As civilizações antigas, por meio de seus arquétipos e símbolos, foram também construindo diferentes formas (muitas vezes por meio da mitologia) de organizarem, perpetuarem e comunicarem seus conhecimentos e a forma como realizavam suas construções, sua cultura, sua ciência e sua arte.

Concomitantemente aos trabalhos de estruturação do espaço Jardim Mandala, além das considerações sobre as manifestações naturais de aparecimento de algumas plantas espontâneas, de insetos ou presença de animais (répteis e pássaros), estive e estou constantemente observando, ressaltando que sempre de maneira bem discreta. Observo cada visitante, a escolha que faz dos locais para realizar suas tarefas, tudo para mim é uma informação, um indicativo para um registro e estudo mais aprofundado no futuro. Tudo tem ajudado a conformar e a confirmar o desenho desse jardim, validando, assim, as intuições iniciais para a escolha do local para o plantio e para a colocação de cada um dos elementos decorativos.

O Jardim Mandala não é para ser entendido por meio de um texto escrito. A experiência indicada é caminhar pelo espaço e tentar ler o que está escrito nas formas e dito pelas vozes que habitam o local, ouvindo as árvores que moram no jardim, ativando níveis de percepção de outras dimensões humanas além da física, sensorial, emocional ou mental. Aqui ressaltamos novamente, em diálogo com Röhr (2013), que nos orienta a reconhecer e ativar faculdades, para que, simultaneamente, possamos vivenciar todas as faculdades de que somos constituídos, potencializando a nossa experiência humana, acessando todos os níveis das possibilidades de aprender sobre “os universos”. Sobre isso, Wochleben (2017) no seu livro “A vida secreta das Árvores, afirma:

Segundo o dicionário, fala é a “faculdade que tem o homem de expressar verbalmente suas ideias, emoções e experiências”. Visto dessa forma, apenas os humanos podem falar, pois esse conceito se limita à nossa espécie. No entanto, não seria interessante descobrir que as árvores

¹⁰ São impressões que estão além do domínio e do alcance dos cinco sentidos físicos.

também podem expressar? Claro que elas não produzem sons, por isso não há nada de que possam escutar. Os galhos rangem e estalam ao entrar em atrito uns com os outros, e as folhas farfalham, mas esses sons são causados pelo vento, não dependem de ações delas. Acontece que as árvores marcam sua presença de outra forma: por meio dos odores que exalam.

Isso não é novidade para nós, seres humanos; afinal, usamos desodorantes e perfumes. E, mesmo que não usássemos, nosso odor transmite informações ao consciente e ao inconsciente de outras pessoas. Algumas parecem não ter cheiro algum, enquanto outras usam o odor para atrair. Segundo a ciência, os fenômenos do suor são fundamentais até para decidirmos quem será nosso parceiro, ou seja, com quem queremos ter filhos. Dessa forma, temos uma linguagem aromática secreta, que as árvores demonstram também ter. (WOHLLEBEN, 2017, p.13).

O exercício que venho sugerindo a cada visitante é que procure perceber o que está escrito sem letras e dito sem palavras, em cada detalhe do jardim, de modo que possam ativar percepções que alcançariam patamares até mais sensíveis do que aqueles que utilizei para a construção do espaço. Um jardim traz muitas possibilidades de compreensão e muitas potencialidades de sensibilização da nossa parte transcendente, apontando outros modos de relacionar com a vida e, quando se fizer necessário, a possibilidade da cura de nosso corpo.

6.2 Decodificando elementos: os significados e a dimensão simbólica

Seria possível representar em palavras as cores? Dar coloridos aos sons? Expressar o aroma das texturas? Ou saborear as formas? São algumas dessas misturas que trazemos como sugestão para silenciar a racionalidade físico/cerebral que normalmente imprimimos nas nossas percepções sobre o mundo. E assim passamos a entender para além do que vemos, tocamos ou sentimos.

Para muitos, cheiro é somente aroma e só poderia ser percebido pelo órgão de percepção correspondente. Num jardim, é possível fazer um percurso imersivo de vivência de hiper sensorialidade, hipersensibilidade. Ao misturar os sentidos e neutralizar as particularidades de cada órgão, para que as percepções de cada um estejam menos densas, mais conscientes, mais claras, menos racionais, podemos trazer uma ativação da máxima potência em cada percepção. Com a somatória de tudo isso, o objetivo seria obter o teor mais elevado possível da experiência de integração entre o corpo, suas percepções, o ambiente e o cosmo.

Desde o início da estruturação do jardim, pretendeu-se que experiência da imersão ideal ocorresse pela conjugação de todas as potencialidades de cada um dos nossos sentidos, somando a isso as memórias guardadas no nosso inconsciente, que é o que nos conecta com os nossos ancestrais. Parafraseando o professor Eduardo Viveiros de Castro, que diz que: “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”, eu diria que, no Brasil, todos somos índios, africanos, europeus e terráqueos...exceto quem não é daqui”. Na raiz dos registros de nosso DNA estão nossos antepassados e já não se pode falar em raça pura, pois que somos todos filhos do mesmo planeta. Então esse somatório de informações, percepções e sensações é que trariam, em meu entendimento, o entendimento sobre o Jardim Mandala.

Com a aparente informalidade das etapas de construção e a espontaneidade com que tudo vem sendo elaborado, distanciamos-nos do modelo do paisagismo que predomina nos jardins da universidade, alcançamos uma conformação menos comercial e muito mais afetiva, acolhedora e ecológica. Temos um considerável número de plantas que compõem a informação genética que constitui a saúde do local, um baixo índice de infestação de doenças/pragas e um alto coeficiente de desenvolvimento das plantas. A biodiversidade confere ao projeto um perfil agroecológico que é característico dos espaços/jardins daqueles que trabalham com os processos de cura. Assim, os resultados estéticos se afinam com os jardins das residências das periferias ou daqueles característicos das casas das benzedadeiras, onde misturam-se as espécies ornamentais, condimentares, os remédios e as plantas usadas em rituais místicos ou religiosos.

No jardim, fomos introduzindo exemplares de rosas, flores do campo, muitas plantas aromáticas e ritualísticas, como alecrim, manjerição, espada-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode, numa profusão de formas, texturas, aromas e sabores que agradaram os visitantes e usuários mais frequentes do espaço. No início, conseguimos reunir uma média de 80 variedades,¹¹ chegando a 110 espécies de vegetais num período de três anos.

¹¹ Nesse link, apresentamos parte do memorial botânico das variedades de plantas que compõe o jardim: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=jardimmandala.fae&set=a.1946014955622979>).

Ao preservarmos os princípios do paisagismo ecológico, todas aquelas plantas que eventualmente apareceram no jardim, são conservadas como uma informação genética e energética “do” e “para” o espaço. O resultado é um ambiente diversificado, que atrai insetos, pequenos répteis (calangos, cobras não peçonhentas, teús etc) e pássaros (canários, beija-flores, tucanos, jacus, gaviões, urubus). O conjunto desse sistema orgânico propiciou uma baixíssima incidência de pragas e doenças nas plantas, alcançando ainda o alto coeficiente de desenvolvimento e beleza das espécies, conferindo a quem usufrui do espaço uma atmosfera de equilíbrio, saúde, bem-estar e aconchego.

Figura 78 - Memorial botânico do jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

As referências sobre agroecologia (compostagem, biofertilizantes e consorciação de espécies) embasaram os roteiros de cuidado e manutenção, propiciando, em conversas com os visitantes, a oportunidade de trocas de saberes sobre espaços verdes e espaços produtivos. Alcançamos, em um curto período, a autossuficiência na produção do substrato que mantém os canteiros, por meio da conservação de todos os resíduos orgânicos ali produzidos (folhas, cascas, restos de galhos e troncos).

A prática de acompanhar os ciclos de troca das folhas das árvores conferiu à estética do ambiente o conforto de um tapete de folhas (principalmente dos mognos) que forma, periodicamente, uma passarela de sons produzidos pelo contato dos pés com essa cobertura texturada. Todos esses resíduos, depois de um certo tempo, são conduzidos para a decomposição e, posteriormente, incorporados aos canteiros, melhorando a qualidade do solo e oferecendo nutrientes para as plantas.

6.3 Outras formas de construir aprendizados

Havemos de considerar que o modelo convencional de escola, reflexo do modelo de sociedade em que vivemos, leva-nos, muitas vezes, à alienação mental e à desconexão da natureza original de cada um de nós e, principalmente, ao sentido verdadeiro da vida, que é alcançarmos um estado de felicidade e não de produção de bens e competição por prestígio social ou econômico. Somos introduzidos na dimensão do conhecimento científico com o objetivo de vencermos na vida materialmente, sermos produtivos e úteis ao capital. E como ficam a alegria, a fruição, o bem-estar, a felicidade, a individualidade e a diversidade? Como ficam nossas particularidades como sujeitos? E nossa natureza multidimensional? Nossos sonhos, como ficam? Certamente essas questões não centralizam os conteúdos da formação humana cientificista e capitalista.

Quando propomos um outro modelo espaço de sala de aula e um outro conceito para pensarmos a educação, é claro que boa parte de tudo que propomos diverge do consenso social comum. Temos, em classes mais privilegiadas, uma abordagem de espaço escolar e pedagógico de formação humana (como exemplo as escolas

Waldorf) alicerçada em conceitos mais inovadores e bem mais humanizados. Porém, no modelo que predomina nas escolas públicas, não há tempo e capital necessário para a reestruturação do espaço físico e o acompanhamento mais individualizado para cada aluno em formação. Daí seria necessário o questionamento sobre a eficácia de tais modelos, ousando apresentar uma proposta de formação humana, de estabelecimento de uma nova relação com o espaço e com os conhecimentos organizados para a vida e não para o consumo. Os tempos, os olhares e as emoções deveriam ser avaliados dentro de uma proposta mais ligada à formação integral do ser humano. Não importa para o sistema vigente se o modelo que é perpetuado pode nos desviar de nosso centro de equilíbrio, de nosso sentido de busca da felicidade, que, na maioria das vezes, ainda estão alicerçados no consumismo, na exploração desmedida da natureza e de seus recursos e, principalmente, na competição para o ter e não o ser.

Quando, neste trabalho, procuramos refletir sobre uma relação dialógica com saberes de comunidades tradicionais, observamos que ali as relações humanas são organizadas a partir de uma outra lógica. Trouxemos, anteriormente, os contextos integrados das comunidades indígenas em que o relacionamento com toda a natureza estrutura-se considerando uma perspectiva de parentesco e afinidade. Para eles, as árvores são seus parentes, os animais são seus parentes, os elementos da natureza fazem parte do que eles são, assim como cada um faz parte de um todo. Nesse sentido, obedecem ao princípio alicerçado num conceito de cosmovisão, de cosmovivência.

Nas comunidades indígenas, existe uma comunicação e uma percepção dos fenômenos naturais de uma maneira muito mais conectada e intuitiva. O contexto social se organiza no sistema de “comum-idade”. Ouvir, dialogar com um ancião, um mestre ou uma liderança de uma comunidade tradicional é uma aula sobre a qualificação dos valores da vida e das relações humanas. Bispo (2020), em sua aula expositiva na formação transversal UFMG, aborda questões ligadas à democracia, alertando-nos para a necessidade de não valorizar o sistema que oprime na resolução das questões que se estabelecem entre membros de uma mesma comunidade. Ele apresenta, de forma crítica, o quanto é necessário estarmos atentos a determinados fatores que nos levariam a valorizarmos posturas que fogem

ao sistema de confiança na natureza ética que está na constituição de cada ser humano. A sua apresentação baseia-se numa relação muito mais harmoniosa com a organicidade social, que se reflete nas nossas relações com os tempos, com os espaços, com a natureza e com tudo que seja realmente primordial para a vida. Ele coloca em evidência a importância do ser como humano, do bem-estar comum em contraposição ao consenso da alienação do pensamento sedimentado na exploração e na acumulação de bens.

Nego Bispo, como mestre popular, é uma das grandes referências de um movimento decolonial com estreita ligação com a integralidade do humano. Ele questiona paradigmas, provoca o sistema vigente e reage ao que pretende desqualificar o direito à liberdade de pensamento e à reação ao que não concordamos ou classificamos como antinatural.

Makota Valdina passou pela Formação Transversal transmitindo conceitos que regeram sua vida dentro do movimento negro de resistência. Nos seus escritos, procurou registrar a história de sua comunidade, fundamentada na religiosidade e na fé. Realça as relações de confiança e de cuidados com os bens imateriais e com o compartilhamento dos cuidados com a prole. Na sua passagem pelo Jardim Mandala, demonstrou e nos ajudou, através da sua integração com os fundamentos da sua religiosidade e seus saberes sobre a relação com o mundo das plantas e dos seres de outras dimensões, a entender as influências energéticas que estruturaram o Jardim Mandala. Compartilhou seus saberes em relação ao mundo das plantas e dos seres de outras dimensões

6.4 A disciplina Educação e Espiritualidade e o Jardim Mandala

Na Faculdade de Educação, falar do Jardim Mandala é estabelecer uma maneira diferenciada de se relacionar com os espaços da universidade. O próprio nome “Mandala”, como uma palavra de origem no sânscrito já nos remete a um mundo de espiritualidade inata, bem característica da cultura indiana. E por que a forma de Mandala? E por que ser um jardim? E ainda, por que criar um espaço onde, por todos os lados, encontramos um elemento de estímulo sensorial?

As respostas são quase retóricas. Mandala é uma forma dinâmica feminina, não possui lados em conflito ou contraposição polarizada. O jardim, por sua vez, está repleto de significados poéticos e afetivos que tornam essa intervenção na natureza uma manifestação de acolhimento e de cuidado com o outro. A ideia foi concretizar um espaço construído com o coração, com emoção fraterna para quem quer que entre nele se sinta bem, como num abraço de avó ou num toque de uma benzedeira. Finalmente, o toque de arte, por ser essa uma das expressões humanas que mais nos liga ao divino processo de criação, nos liga ao mundo das ideias abstratas que se concretizam no mundo material, sendo intuitivas e relacionadas com a dimensão espiritual. A arte verdadeira é horizonte e horizontal, verdadeira no sentido de que cada um constrói, a seu gosto, o seu entendimento, a sua sensibilidade, universalizando o que pode tocar a emoção.

Quando pensamos na construção desse jardim, resgatamos experiências anteriores de tentativas de estabelecer conexões entre o eu e o outro, entre o meu e o seu mundo interno. Então, nada melhor para ajudar a estabelecer essa conexão do que um jardim, que é objeto de afeição da maioria das pessoas, independentemente da classe social ou do grau instrução. Independentemente do estilo, pois podem ser diversos, assim como diversos são os gostos e os afetos que nos tocam, o jardim comunica e emociona.

Assim, quando refletimos sobre qual estética caberia nessa criação, verificou-se que não poderia ser outro senão um jardim típico de uma avó, por onde passeiam aromas, sabores e texturas, remetendo a um florescer de memórias afetivas guardadas nas partes mais íntimas do ser. Quem não teve um parente, um conhecido, um vizinho que não tivesse um pedacinho plantado com profusão de espécies, às vezes, dispostas em aparente confusão, com variedades de plantas, mas que despertava encantamento e uma vontade de trazer com a gente, levar uma mudinha, uma flor para colorir um novo espaço individual ou presentear uma pessoa querida?

Ali o meu corpo se assenta, descansa, relaxa e se integra. Minhas sensações afloram e encontro tempo e espaço para o sentir. Ali minhas emoções se acalmam e se alinham com todos os que entram num mundo mandala integrada. A mente

desacelera e não compete com o tempo, pois tudo se dará no tempo certo. E me torno livre e desejoso do bem comum, integrado na energia do outro, dos outros.

É nessa profusa experiência de estímulos que temos a possibilidade de estar, empiricamente, vivenciando a corporeidade, as faculdades que compõem todas as dimensões de nosso ser. Nessa poética, foi se construindo o Jardim Mandala e, desde seu início, estabeleceu uma conexão com a disciplina de Educação e Espiritualidade, da Faculdade de Educação.

Nos encontros ocorridos semanalmente, nas tardes ou nas noites, vão se aconchegando alunos, professores e convidados, para que, ao som de uma música clássica, um mantra suave ou um som de instrumentos bem baixinhos, sejam iniciadas as conversas sobre os mais diversos e incomuns temas a serem abordados dentro de uma instituição acadêmica como a UFMG. Assim, junto com os cheiros emanados das plantas medicinais e aromáticas e do disputado chazinho servido diariamente, vão se fortalecendo esses vínculos entre uma disciplina de acolhimento de ideias e a materialidade do espaço diferenciado em que ela acontece.

Figura 79 - Atividade da disciplina Educação e Espiritualidade - professora Conceição Clarete (Teca)



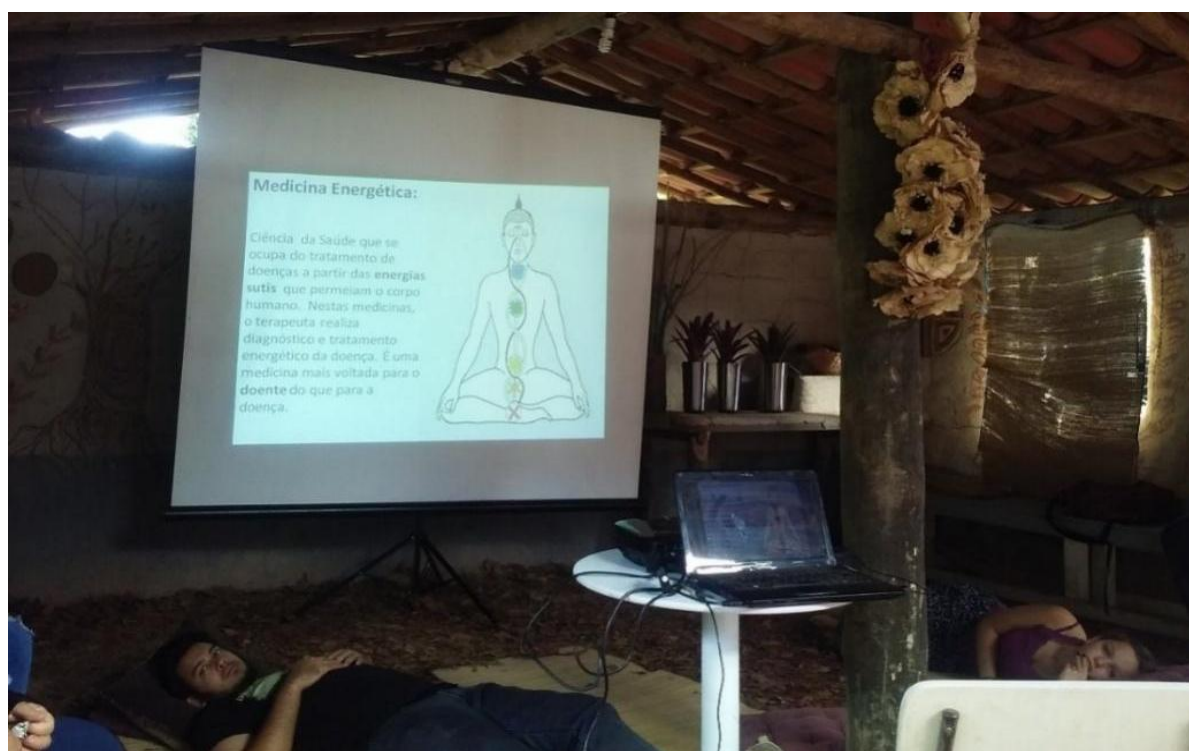
Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 80 - Atividade de meditação - professora Conceição Clarete (Teca)



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 81 - Aula sobre medicina energética – Disciplina Educação e Espiritualidade



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

Figura 82 - Meditação com mandalas - professor Daniel Ezequiel e professora Conceição Clarete



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 83 - Educação e Espiritualidade - fitoterapia e terapias complementares



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 84 - Aula no Jardim Mandala - música interior – Prof. Elder convidado da



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 85 - Disciplina Educação e Espiritualidade - experimentação sensorial de reconexão



Fonte: Acervo pessoal. Foto de Welington Dias.

Figura 86 - Professor Ferdinand Röhr e professora Conceição Clarete - aula da pós-graduação no Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 87 - Alunos da disciplina Educação e Espiritualidade no Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 88 - Aula de expressão corporal no Jardim Mandala



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 89 - Momento do lanche no Jardim Mandala, uma prática permanente da disciplina Educação e Espiritualidade



Fonte: Acervo pessoal /Foto de Welington Dias.

6.4.1 O formato da disciplina Educação e Espiritualidade

A disciplina promove estudos sistemáticos da articulação entre educação e espiritualidade, numa perspectiva filosófica e antropológica. Seu objetivo é promover reflexões a respeito da necessária articulação entre educação e espiritualidade na perspectiva das obras dos filósofos Ferdinand Röhre e Martin Buber.

Sua ementa propõe a análise e a síntese críticas do processo de constituição e estruturação da cultura brasileira e das principais significações definidoras da espiritualidade e da religiosidade no Brasil, considerando a articulação entre aspectos religiosos/ espirituais e culturais na formação humana e educacional no Brasil contemporâneo.

O programa da disciplina compõe-se dos seguintes tópicos:

- a) A noção de espiritualidade em Röhre.
- b) A gênese das diferentes práticas religiosas desenvolvidas no Brasil.
- c) Diferentes aspectos envolvidos na religiosidade brasileira.
- d) Diálogo entre as diferentes práticas relativas à busca da vivência da espiritualidade.

A amplitude dos temas das aulas promove múltiplas partilhas e oportunidades de vivenciar a diversidade. Além disso, o momento das aulas proporciona a realização do lanche coletivo, resgatando a gentileza e a convivência afetiva num espaço acadêmico.

6.5 Outras vivências no jardim

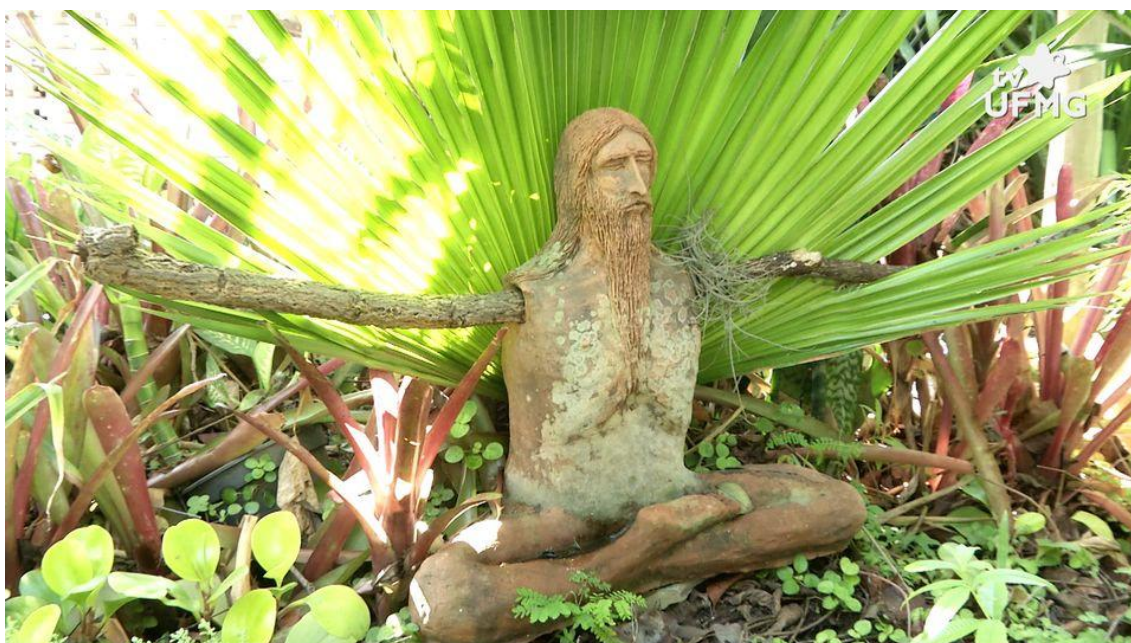
Como espaço de diversidade e aprendizagem, o Jardim Mandala abriga propostas diversas. Dentre elas:

- a) as práticas integrativas:
 - Reiki;
 - Meditação e relaxamento;

- Ioga;
- Aromaterapia;
- Fruição do tempo livre.

6.6 Experiências com o espaço - relato de frequentadores

Nesta seção, apresentamos algumas publicações das redes do Facebook e do Instagram em que o Jardim Mandala foi mencionado ou marcado, trazendo comentários dos usuários dessas mídias sociais.



@TV UFMG

#Educação A interlocução entre arte, educação e saberes tradicionais é a proposta do Jardim Mandala FaE UFMG, projeto de intervenção urbana através do paisagismo, instalado na Faculdade de Educação - UFMG. Idealizado por Wellington Dias, graduado em Artes Visuais pela EBA e mestrando da FaE, o Jardim Mandala reúne mais de 130 espécies de plantas medicinais e aromáticas. A partir dessa iniciativa surgiu o Projeto Florescer, que leva arte e educação ambiental a escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte. Neste primeiro vídeo da série, você vai conhecer um pouco mais sobre o Jardim Mandala. #arte #saberestradicionais #educaçãoambiental

[Ícone Curtir](#)

11

há 6 semanas

@LECampo - UFMG

Hoje relembremos a lindeza do lançamento do livro da rede @professorestransformadores na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, com a presença da Turma da Matemática do #LECampoFaEUFMG em dia bem friozinho no Jardim Mandala FaE UFMG. Elodia Honse Lebourg, abraços virtuais para você! 🌻🌻 há um ano



@LECampo Ufmg

Hoje relembremos uma atividade muito especial realizada pela Turma da Área de Língua, Arte e Literatura (LAL): a Tertúlia Literária, organizada pela Professora Célia Abicalil. A atividade aconteceu em julho de 2018. Estas fotos, que emanam o cheiro do Jardim Mandala FaE UFMG, onde a atividade foi realizada, nos lembram Manoel de Barros... Trazemos uma de suas poesias para lembrar que teremos Sarau da Terra online, na terça-feira, e para desejar um bom fim de semana. Cuidem-se: □□□□□ "O menino que carregava água na peneira Tenho um livro sobre águas e meninos. Gostei mais de um menino que carregava água na peneira. A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos. A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso. O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio, do que do cheio. Falava que vazios são maiores e até infinitos. Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito, porque gostava de carregar água na peneira. Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor. A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta! Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!" #PovosdoCamponoCombateaoCOVID19 #LECampoFaEUFG

há um ano

@Eneida Baraúna

Defesa do mestrado - 21/02/2020 - 14hs - FAE/UFMG. Local: Jardim Mandala / Fae Ufmg Título: POÉTICAS NEGRAS: ENCRUZILHADAS ENTRE A COSMOVISÃO AFRICANA E O ENSINO DE TEATRO "Ori"entador: Vinícius Lírio Fragmentos afetuosos que recebi de Izabela Miranda e Denilson Tourinho). Não consegui reunir todos os vídeos em um só... alguns deles são comuns. Tem explanação da pesquisa Tem o resultado da afrobanca: Marcos Alexandre / Licinia / Analise da Silva Tem homenagem ao nosso querido Marcos Alexandre Tem homenagem à banca preta e a representatividade. Tudo isso no Jardim Mandala FaE UFMG - um lugar de energias ancestrais e tão bem cuidado pelo nosso Mestre Diaswel Dias

há um ano



@Cleide Sousa
Sextou! Jardim Mandala FaE UFMG Namastê!
há 2 anos



@Cleide Sousa
Depois da chuva... #jardimmandala #garden #jardim #flores #faeufmg #flower @ Jardim Mandala /
Fae Ufmg
Ícone Curtir
14
Ícone Comentar
3
há 2 anos

@Etel Rossi

Minha cabeça tá igual a do Monginho do Jardim Mandala FaE UFMG...cheia de ideias de pura luz e liberdade, bora colocar no papel!!!

Ícone Curtir

5

Ícone Comentar

0

há 3 anos



@Ocupação Permanente FAE - UFMG

Se liguem! :) Hoje tem palestra no Jardim Mandala FaE UFMG: As bases místicas da Medicina Oriental - às 14h30. Inscrições: tecaxavier@uol.com.br

Ícone Curtir

11

Ícone Comentar

1

há 4 anos

@Teresinha Fumi Kawasaki

Motivo de orgulho: O Wellington - "O" idealizador, fundador, executor, mantenedor, tudo do Jardim Mandala FaE UFMG) -- disse que eu sou uma das madrinhas fundadoras desse maravilhoso jardim. Só por conta do meu entusiasmo no começo de sua jornada... Obrigada e, mais uma vez, parabéns por esse lugar lindo!! #amoessejardim #éaquiqueeudesestresso

Ícone Curtir

16

Ícone Comentar

1

há 6 anos

Links relacionados às publicações sobre o Espaço Jardim Mandala UFMG:

1. Espaços de convivência da UFMG

<https://www.ufmg.br/saudemental/rede-de-apoio/espacos-de-convivencia/?s=jardim%20mandala>

2. Curso de Comunicação

<https://medium.com/tubo-de-ensaio/jardim-mandala-um-lugar-para-se-conectar-com-a-espiritualidade-e-a-natureza-inclusive-estudando-3f6760f85c9b>

6.7 O VIII Congresso Neppcom e o II Simpósio de Educação e Espiritualidade: A universidade em diálogo com o acolhimento, a saúde e a partilha de saberes

No ano de 2019, como um exemplo das possíveis vivências anteriormente descritas, o espaço Jardim Mandala acolheu e participou das atividades de compartilhamento de saberes pelo bem-estar coletivo do congresso do Neppcom, em consonância como movimento dos trabalhos do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Complexo (Neppcom) e da disciplina Educação e Espiritualidade.

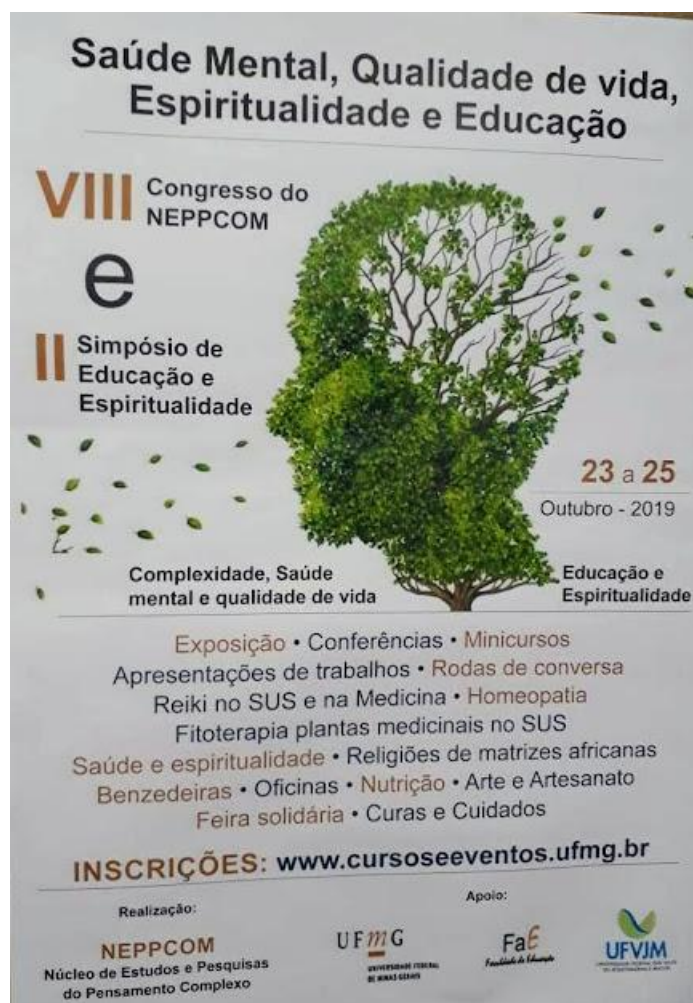
No VIII Congresso Neppcom, foram apresentados, nos vários espaços da FaE, os resultados das contribuições de diversos palestrantes e parceiros das atividades da referida disciplina. Acreditando em uma nova forma de viver a educação, com a implementação de novos métodos, convivemos com a alegria de se pensar também em novos tempos e em uma outra forma de produzir conhecimento. O espaço alternativo de aprendizagem Jardim Mandala pôde receber e tornar-se um local de acolhimento de um número significativo de participantes, que puderam, durante quatro dias de vivências de compartilhamento de saberes, como sempre foi destacado nas aulas da professora Teca, consolidar o entendimento sobre o quanto uma espacialidade diferenciada e sensível pode contribuir para o bem-estar dentro de uma instituição de ensino.

A concepção e a missão desse espaço procuraram acolher cada participante, no intuito de que, durante aqueles dias, todos pudessem conhecer a diversidade dos conteúdos, das pesquisas, das discussões, das palestras, das vivências e das oficinas que dialogam e fazem parte da dinâmica das atividades do Neppcom, da linha de pesquisa e da disciplina Educação e Espiritualidade.

Os significados de cada espaço do Jardim estruturaram-se de forma a cooperar e acolheras atividades propostas pelos pesquisadores e terapeutas, para que cada participante encontrasse o conforto físico e a tranquilidade das emoções, no sentido de alcançarem uma maior amplitude mental para absorverem cada proposta compartilhada pela programação.

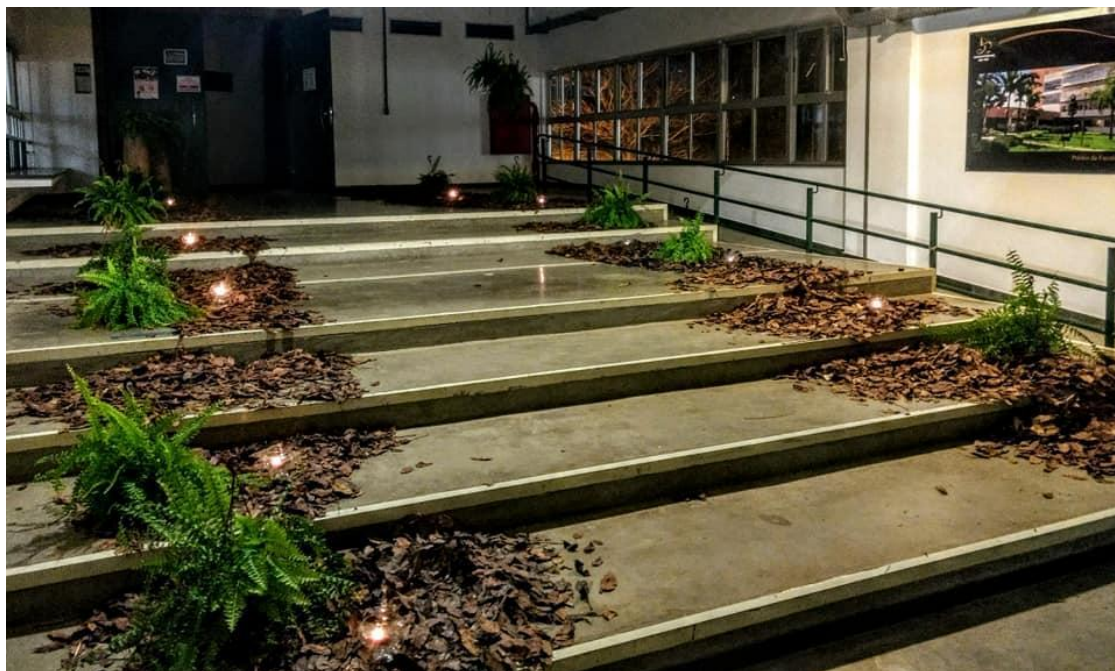
Naqueles dias, novamente, vivenciamos a comunhão dos objetivos principais do núcleo e as propostas de cada atividade de partilha de práticas e experiências no campo da espiritualidade, sempre acolhidas sem preconceitos de princípios ou credos.

Figura 90 – Cartaz do congresso



Fonte: Acervo pessoal / Material de divulgação.

Figura 91 - Ambientação alternativa do auditório para a realização do congresso



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 92 - Atividade do congresso na Casa Maxacali



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 93 - Atividade terapêutica - Biomúsica



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 94 - Sahaja Yoga no congresso



Fonte: Acervo pessoal. Foto de Welington Dias.

Figura 95 - Participantes ouvintes do congresso na Casa Xacriabá



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 96 - Palestra do Pai Ricardo no congresso



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 97 - Atividade de estudo em grupo no congresso



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 98 - Atividade da Disciplina Educação e Espiritualidade



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

Figura 99- Atividade do Reiki no Congresso Neppcom



Fonte: Acervo pessoal / Foto de Welington Dias.

7 CONCLUSÃO

A presente investigação refletiu sobre o Jardim Mandala (FaE/UFMG), considerando as suas possibilidades, no âmbito da formação integral, como espaço educativo, artístico, de reflexões sobre os saberes tradicionais e a espiritualidade. Para isso, abordamos o processo de elaboração do projeto e a sua execução, tendo como centralidade de análise sua concepção artístico/pedagógica, que compreende a conceituação e a construção do espaço.

Foram apresentadas as reflexões sobre todo o período em que atuei como construtor, interventor artístico e cuidador do local, acrescentando as minhas impressões como observador, ouvinte e participante de praticamente todas as atividades ali ocorridas. Registraram-se as impressões pessoais, somadas aos depoimentos dos visitantes e dos usuários mais frequentes, veiculados nas mídias sociais e em outros veículos de comunicação.

A estrutura desta dissertação alia-se ao registro imagético e fotográfico da evolução do espaço e das atividades ali ocorridas ao longo dos oito anos de existência do espaço. Obedecendo a um dos propósitos fundamentais do trabalho, conduzimos a escrita em linguagem artística/poética/imagética, construindo uma estrutura acessível também ao círculo de pessoas fora dos espaços da universidade, ou seja, à comunidade de alunos, professores e gestores das periferias e dos movimentos de educação popular.

Ao organizar todo esse material, relaciono o conteúdo com os referenciais teóricos que orientaram e sustentaram o processo de pesquisa. Foi possível construir diálogos entre as expectativas iniciais que inspiraram intuitivamente cada experiência prática e esta produção dissertativa da memória do espaço, para, assim chegar às conclusões a partir das abordagens dos diferentes teóricos estudados no processo de análise e avaliação dos resultados coletivamente alcançados.

A partir da definição do objeto de pesquisa e das questões norteadoras, compreende-se a importância da caracterização de espacialidades escolares mais conectadas com o meio ambiente natural, bem como a necessidade de cooperar

com o processo de aprendizagem e bem-estar dos usuários das ambiências aqui configuradas como espaços formativos alternativos. Ao estabelecermos o critério de escolha do Jardim Mandala como objeto desse estudo, buscamos entender o quanto e como uma espacialidade mais natural pode propiciar aos integrantes do processo educativo um percurso de formação integral, em que estariam conjugadas potencialidades capazes de tocar o nível físico, sensorial, emocional, cognitivo e espiritual de cada indivíduo. Os três espaços que citamos nesta dissertação abrigaram experimentações protagonizadas a partir do entrosamento igualitário entre propositores e comunidade, buscando sempre criar estratégias de interação saudável entre esses sujeitos e o meio ambiente.

Com essa sistematização e análise, não pretendemos designar essa experiência como a panaceia para a solução de todos e quaisquer problemas da escola. Contudo, chamamos atenção especial para outra concepção de espaço educativo como uma alternativa para o planejamento e a construção de ambiências em relação ao modelo da sala de aula convencional estabelecido nas escolas. A partir daí, propomos a reflexão sobre outra concepção de estrutura física para a permanência na escola que não seja voltada, prioritariamente, para o desenvolvimento das faculdades intelectuais. Nesse sentido, o trabalho contribui para que se mantenha o desejo de dar prosseguimento a uma pesquisa mais avançada e a uma movimentação investigativa na direção de construir outras intervenções espaciais cada vez mais integradas aos princípios indicadores do bem-estar, da qualidade de vida e do desenvolvimento das potencialidades dimensionais do ser humano na sua integralidade.

A relação homem/natureza, reconhecidamente saudável para todo e qualquer indivíduo, restabelece parâmetros de saúde física, emocional e mental com pretensões de acesso à dimensão dita espiritual. Dimensão essa que, por um lado, é considerada como imaterial, incompreensível ou conceitualmente intangível pelo campo científico acadêmico e, por outro ângulo, está claramente presente no imaginário dos coletivos de diferentes culturas ancestrais.

A diversidade das formas de organizar o conhecimento e entender o mundo, por vezes, não se legitima perante a cultura científica e contemporânea. No entanto, o

ser humano carece de arquétipos, idealizações e poéticas que o ajudem a compreender o mundo e alcançar uma harmonização individual ou social.

Torna-se premente o desejo coletivo de resgatar ou reconstruir uma harmonia natural, incontestavelmente presente em outras espécies e nas suas relações com o meio ambiente e com os ciclos da vida. Como outra referência prática para dialogar com a complexidade que envolve o espaço e o ser humano no seu processo de formação, quando em diálogo com a sua integralidade, temos a prática dos terapeutas da medicina holística.¹² Esses, no exercício das funções profissionais, somente chegam a um consenso satisfatório do estado geral de saúde quando o resultado é o produto de uma minuciosa análise do conjunto de sintomas e de outros elementos apresentados pelo paciente. Enfim, consideram a somatória de tudo o que foi percebido e relatado desde a primeira consulta, como, por exemplo, os aspectos físicos, emocionais, mentais, psicológicos e o máximo possível de informações sobre a vida cotidiana do indivíduo e, principalmente, as suas características pessoais e socio/relacionais.

Sendo assim, esse terapeuta não se detém na leitura de tão somente um ou outro aspecto que esteja mais visível. Ele conduz a sua orientação para o reequilíbrio geral do paciente, numa abrangência bem mais complexa, mais minuciosa e menos imediatista, como por exemplo, a de simplesmente suprimir os sintomas e incômodos externos que seus pacientes apresentem. De maneira ainda que complementar e alternativa em relação aos tratamentos da medicina convencional, a medicina holística procura indicar o tratamento natural e o mais adequado possível ao perfil individual de cada do paciente.

Numa perspectiva semelhante, para realizar o diagnóstico no início de uma intervenção em espaços, seria também necessário analisar diversos aspectos, como: a impressão intuitiva do padrão energético do local (geralmente realizados com instrumentos como pêndulos, forquilhas e cristais); o histórico do cotidiano da sua utilização anterior; a estrutura física (topografia, incidência de luz e a circulação

¹² Medicina holística – o termo refere-se à abordagem no tratamento médico baseada na teoria de que os organismos vivos e o meio ambiente funcionam juntos como um todo integrado.

de ar); as expectativas de quem utilizará os locais; as possibilidades de realizar ali alguma atividade de manutenção ou resgate da saúde; as condições de desenvolver a interação com os elementos da natureza e, como particularidade do meu trabalho, analisar as condições de introduzir atividades voltadas para a experimentação artística e multissensorial. Assim, como objetivo final, pretende-se tornar o local propício ao processo de autoconhecimento, da formação humana perpassada pela esfera do bem-estar físico, sensorial, emocional, mental e espiritual.

A construção do Jardim Mandala, na sua conceitualização como espaço construído nos parâmetros de um paisagismo ecológico e não comercial, alicerçou-se em contextos de conhecimentos sobre o *feng shui* chinês e nas estruturas das construções baseadas na Geometria Sagrada, trazendo ao imaginário coletivo a possibilidade de reavivar o mundo sobre a ótica de uma cosmovisão e do resgate de memórias afetivas, construída sob uma potência reconhecidamente ancestral.

Os resultados dessa pesquisa apontam para dois caminhos:

- a) através dos exemplos aqui abordados, apresenta uma forma de suprir as necessidades de encontrar outras maneiras de ocupação de espaços nos tempos atuais de pandemia, potencializando espaços abertos para o desenvolvimento de futuras atividades presenciais;
- b) representa a oportunidade de dar maior evidência a outras formas de ocupação e desenvolvimento de atividades nos espaços escolares.

Assim, podemos afirmar que o estudo atual apresenta inspirações para a criação de outras propostas que potencializem e valorizem as ambiências alternativas destinadas à educação formal e informal, diversificando, assim, as abordagens sobre espaços de produção de conhecimento. Esta pesquisa apresenta um modelo de ambiente com relações mais horizontais entre pares, mais acessível, mais sensível e mais contextualizado no desenvolvimento humano integral, tendo em vista, como referência comparativa, os espaços utilizados pela escola convencional urbana.

8 O PRODUTO

O acervo das imagens que se segue, apresenta o Jardim Mandala reconfigurado em espaço, poesia e movimento. As imagens são do ano de 2022 e mostram a reconfiguração dos canteiros, as esculturas e as pinturas representativas dos povos tradicionais. Apresentamos essa produção como material didático para realização de roteiros de visitas que promovam a construção de diálogos entre a arte, o conhecimento acadêmico, os saberes populares e os mitos dos povos tradicionais. A estética geral do jardim procura atingir os frequentadores na sensibilidade do contato com a arte e com o meio ambiente, no sentido de promover bem-estar pela fruição artística e pela sensibilização nos níveis das dimensões física, sensorial, emocional mental e espiritual dos usuários frequentes e visitantes.

Entrada do Jardim Mandala reconfigurada no ano de 2021



Foto Wellington Dias

Detalhe: Salve Ossãe! Jardim Mandala 2021



Foto Wellington Dias

Detalhe: Escultura Salve Ossãe!



Foto Welington Dias

Detalhe: Espaço de Meditação e reconexão Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Detalhe: Espaço de Meditação e reconexão Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Escultura Grande Mãe – Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Jardim Mandala - detalhe



Foto Wellington Dias

Jardim com Escultura Grande Mãe – Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Detalhe da entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Escultura Grande Mãe



Foto Wellington Dias

Detalhe Espaço de Convivência Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Dtalhe da entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Vista geral da entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Portal de Entrada Jardim Mandala



Foto Wellington Dias
Detalhe Entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Panorâmica da área de convivência do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Detalhe lago do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Jardim Mandala/ Área de convivência



Foto Wellington Dias

Panorâmica da entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Escultura Mestre do ofício



Foto Wellington Dias

Detalhe Escultura Povos Indígenas



Foto Wellington Dias

Detalhe Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Esculturas Espíritos das árvores



Foto Wellington Dias

Painel Conexão e Natureza



Foto Wellington Dias

Detalhe Esculturas do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Jardim Mandala em 2021



Foto Wellington Dias

Detalhe Portal de entrada



Foto Wellington Dias

Jardim Mandala 2021



Foto Wellington Dias

Vista lateral do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

Espiral de folhas



Foto Wellington Dias

Detalhe Espírito da Árvore



Foto Welington Dias

Vista Lateral da entrada do Jardim Mandala



Foto Wellington Dias

8.1 O Projeto Florescer na Smed

Como extensão e produto desta pesquisa estabeleceu-se em parceria com a Smed, o projeto Florescer, que dialoga com o tema da sala de aula aberta e do espaço alternativo de aprendizagem. Nesse momento de pandemia, com o retorno presencial dos alunos da educação básica às escolas, construímos uma proposta de intervenção estética no sentido do acolhimento, da arte e do meio ambiente. O projeto iniciou-se em 2021, com seis escolas. E, em janeiro de 2022, já havia 83 escolas inscritas. Seguem o vídeo institucional de apresentação do projeto e o documentário da TV UFMG sobre o projeto Florescer nas escolas.

<https://vimeo.com/637272747>

(TV UFMG) <https://www.youtube.com/watch?v=LXzcluzMDg4>

Além disso, disponibilizamos o Boletim Comunica Rede, veiculado pela Smed com relatos sobre o Projeto Florescer.



Cabeçalho com fundo verde e ícones de comunicação diversos. À esquerda, ilustração de um notebook ligado a ícones de rostos diversos. À direita, logo da PBH, Governando para quem precisa. Abaixo, escrito em branco, Edição especial Comunica Rede.

Secretaria Municipal de Educação | N° 27 | Outubro



EDITORIAL

Olá, profissional da Educação.

O tema desta edição do Comunica Rede é a revitalização de espaços escolares da Rede Municipal de Educação inspirada no “*Projeto Florescer*”, que tem como objetivo possibilitar um diálogo entre a natureza e a arte, a educação e o meio ambiente.

Para acolher os/as estudantes e a comunidade escolar na volta às aulas, a proposta do “*Projeto Florescer*” é incentivar as instituições de ensino a pensarem em intervenções para seus espaços externos, por meio de experimentações estéticas capazes de criar ambientes que promovam o bem-estar de todos/as. Nesse sentido, essa edição do Comunica Rede apresenta exemplos de ações desenvolvidas em escolas que já adotaram o projeto, disponibiliza materiais e sugestões de atividades sobre a temática e provoca reflexões sobre natureza, preservação ambiental e sustentabilidade.

Nada deve impedir uma escola de florescer! Esperamos que as ideias do projeto possam inspirar sua escola na criação de ambientes mais bonitos e acolhedores!



ACONTECE NAS ESCOLAS

Projeto floresce em escolas e encanta comunidade escolar

Nas escolas municipais que tiveram intervenções artísticas pelo *Projeto Florescer* está sendo um sucesso possibilitar o diálogo direto entre a arte, a educação e o meio ambiente.

Na Escola Municipal de Educação Infantil São João, localizada na regional Centro-Sul, o novo ambiente dialoga com o projeto *A Poesia dentro da Literatura Infantil*, trazendo ícones que remetem à literatura e à natureza, e encantam os(as) estudantes e a comunidade escolar. “Os desenhos conversam conosco e nos dizem como a natureza é bela, moradores(as) querem visitar o interior da escola, funcionários(as) usufruem das hortas e jardins para alimentação, e crianças ajudam. Nossos(as) estudantes desejam estar nesse espaço, a escola floresceu e alegra o retorno de todos(as), e é apenas o começo de uma relação sustentável e de empoderamento da comunidade escolar”, afirma com êxito a diretora Rosana Ferreira.

Juliana Vieira, mãe da estudante Natália Crispim, de três anos, relata que a filha descreve o ambiente escolar como se estivesse em um sonho. Ela está maravilhada com as pinturas na fachada e com os jardins. “Natália pede para tirar várias fotos em frente aos desenhos das árvores falantes e quer que eu conheça o lugar dos sonhos dela. Eu fico do lado de fora sonhando em entrar para conhecer tudo de perto, mas devido à pandemia acho correto não podermos entrar, para preservar a saúde dos pequenos”, conta a mãe.



Paisagismo lúdico e literário da Emei São João

Projeto de paisagismo na Emei São João com pneus pintados colocados sobre um gramado verde, jardineiras com flores, animais, árvores e flores pintados nas paredes, e uma árvore ao fundo.

Os(As) estudantes da Emei Timbiras também estão deslumbrados com o novo ambiente escolar e com a maneira especial como foram recebidos. “Nossas floreiras foram replantadas, uma cerca viva foi colocada ao redor do parquinho, um pequeno lago artificial foi construído, dentre outras



Paisagismo na Emei Timbiras

Criança usando moletom azul e jeans observa fonte de água em meio a flores coloridas e folhagens diversas.

coisas que deixaram o espaço mais colorido e alegre. Estamos percebendo o prazer das crianças em desfrutar desse espaço e aproveitando para conscientizá-las sobre a importância do meio ambiente, proporcionando o contato direto com as plantas e a terra”, assegura a diretora Maria Beatriz.

O porteiro Luiz Antônio declara que é gratificante receber os(as) estudantes em meio às flores e plantas da escola. “Percebo no olhar e nas expressões que eles gostam muito da escola, os pais ficam muito satisfeitos em saber que os filhos estão em um ambiente alegre”.



PARA REFLETIR

“Cores, texturas, sons, aromas e sabores compõem os elementos que nos inspiram para a criação de intervenções artísticas, com o objetivo de propiciarmos aos usuários dos espaços a oportunidade de resgatarmos memórias afetivas e trazer novos estímulos à sensorialidade num âmbito mais integral. São espaços de brincar, de contemplação, de estudo, de trocas de experiências, para descanso ou fruição de tempo livre. Em síntese, são lugares inspiradores de reintegração entre a nossa natureza interna, nossas emoções e o meio ambiente.

O *Projeto Florescer* veio se desenvolvendo em etapas, assumindo diferentes nomes ao longo do tempo e a partir de diversas participações nas atividades nas escolas e na universidade. Desde a concepção do Jardim Mandala, da Faculdade de Educação da UFMG, onde conseguimos materializar um espaço repleto de significados poéticos dos jardins das avós, das raizeiras e dos quintais das residências do interior, temos trabalhado no sentido de potencializar uma concepção do paisagismo mais ecológico e menos comercial”.



Jadim Mandala - FaE / UFMG

Mandala de jardim criada com folhagens verdes e flores de diversas cores.

Wellington Dias (Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como escultor, paisagista, ilustrador. Desenvolve ações de intervenção urbana por meio de arte tridimensional na área do paisagismo com plantas medicinais e aromáticas. Mobilizador cultural, estuda saberes tradicionais e cultura popular nas áreas de medicina natural e terapias holísticas complementares. Cursando Mestrado Profissional: Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tamiris. **Makota Valdina: Você sabe quem foi essa educadora?** 2019. Disponível em: <https://www.futura.org.br/makota-valdina-quem-foi/>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- ARTE Ambiental. 2022. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/environmental-art-21083/>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- BARROS, M. I. A. (org.). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza.** 2 ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza e Alana, 2018.
- BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: Modos e Significações.** 2 ed. Brasília: Ayô, 2015
- .
- BISPO, Antônio. **Mestre Nêgo Bispo - "Democracia rima com Polícia".** 2020. Disponível em: <https://fb.watch/aUMtYRPpIv/>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- CORMELATTO, Giovani Vilmar. **A dimensão educativa da mística na construção do MST como sujeito coletivo.** 2010. 208f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- CUNHA, Djailton Pereira da. **Fundamentos multiparadigmáticos da formação humana: contribuições dos paradigmas transpessoal, intercultural e da espiritualidade para a educação no Brasil e na França.** 406 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Pernambuco, Recife, 2017.
- GENÉSIO, Luísa. **Paisagem como objecto estético.** Bragança: Escola Superior Agrária, 1999, p.2
- KI-ZERBO, Joseph (org). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África.** 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- LINHARES, Carla; MADURO, Denise Bianca; BARCELLOS, Marília (org). **Educação Integral: contribuição da extensão da UFMG.** Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- LOPES, Kathleen. Saberes orgânicos e saberes sintéticos: um olhar quilombola sobre o colonialismo. **Nossa Ciência**, Paraíba, 2 dez. 2019. Disponível em: https://nossaciencia.com.br/colunas/saberes-organicos-e-saberes-sinteticos-um-olhar-quilombola-sobre-a-colonialismo/?fbclid=IwAR3yZZT5LCv2I9htxKI-KVHMVYXTU3dZh-2_8YaQuxZg8hCB2MkGm8H5J9I. Acesso em: 01 jun. 2021.
- MAKOTA VALDINA/PINTO, Valdina de Oliveira. **Meu Caminhar, meu viver.** Salvador: Sepromi, 2015.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez: Brasília, DF: Unesco, 2001.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NÊGO BISPO: vida, memória e aprendizado quilombola. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 31 jan. 2022.

PNPIC. Políica Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - SUS. **Homeopatia**. 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/pnpic_homeopatia.pdf. Acesso em: 31 jan. 2022.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

SABERES TRADICIONAIS. Antônio Bispo dos Santos/Nego Bispo. 2018. Disponível em: [Antônio Bispo dos Santos - Saberes Tradicionais UFMG](#). Acesso em 31 jan. 2022.

UVF. Universidade Federal de Viçosa. **Caderno de homeopatia**: instruções práticas geradas por agricultores sobre o uso da homeopatia no meio rural. 3 ed. Viçosa, MG: Dep. De Fitotecnia, 2009.

WIKIPÉDIA. **Radiestesia**. 2022a. Disponível em: Radiestesia – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 31 jan. 2022.

WIKIPÉDIA. **Lares**. 2022b. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lares>. Acesso em 31 jan. 2022.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

ZATÓN, Jesús. **Geometria sagrada**: bases naturais, científicas e pitagóricas. São Paulo: CivitasSolis, 2017.

ANEXOS

DEPOIMENTOS:

1. O Jardim Mandala - Amarilis Coragem

A Faculdade de Educação da UFMG há muito desejava um espaço de convivência para além das salas formais de reuniões, dos gabinetes, das salas de aula. No ambiente de trabalho é que passamos grande parte de nossas vidas, estamos juntos, mas, ao mesmo tempo, tão distantes, sempre ocupados com nossas tarefas cotidianas. Foi no Jardim Mandala que esse desejo se realizou, construindo um lugar de acolhida, para conversar, para conviver.

Para Welington Dias, essa realização faz parte de sua trajetória de paisagista, escultor e educador. Sua trajetória começa em outro projeto que criou na área rural da cidade de Jaboticatubas, no qual reunia crianças e jovens para plantar, desenhar e pintar. Nesse projeto, os participantes produziram peças de artesanato, cultivaram plantas ornamentais e medicinais, desenvolvendo o gosto pelo cuidar do ambiente, da natureza, das pessoas, da arte popular, enfim, da vida.

Do mesmo modo, no Jardim Mandala, Welington reuniu plantas ornamentais e medicinais entre suas peças de cerâmica, observando suas formas, cores, tamanhos, bem como a natureza de cada vegetal para compor mandalas coloridas, numa proposta de interação com os visitantes, ou seja, para serem apreciadas, interpretadas, cultivadas, acrescentadas, recolhidas para estudo ou distribuídas para o consumo.

O Jardim Mandala, como apropriadamente seu nome indica, é, ao mesmo tempo, o lugar do múltiplo e do diverso. A mandala é um diagrama geométrico que aparece em muitas culturas como expressão artística e religiosa desde a Antiguidade, sendo usada como instrumento de concentração para atingir estados superiores de meditação, a configuração da mandala promove uma certa forma de encantamento. Podemos verificar que o desenho de uma mandala se constitui na complementaridade harmônica entre as figuras e o fundo, numa estrutura básica de círculos concêntricos justapondo a forma e a contraforma nos limites do círculo. Nessa configuração, a mandala se propõe simbolizar a relação entre o homem e o

universo ao conjugar as partes e o todo, integrando diversidade e harmonia. Assim, começamos a entender a proposta desse jardim.

Embora respondesse a um antigo desejo de um espaço de convivência, o novo ambiente criado por Welington Dias surpreendeu todos, causando um impacto transformador ao multiplicar suas possibilidades.

Criou, nesse ambiente, um lugar de encontro com a natureza, proporcionando o contato com flores, ervas e folhagens e o encontro com as pessoas, aproximando alunos, professores, funcionários e visitantes. Trata-se de um lugar de lazer, de sair da rotina, relaxar, respirar, capaz de recuperar o prazer de estar vivo e a alegria de estar junto; um lugar de reflexão, onde se pode contemplar, inventar, lembrar, questionar, rever ou repensar; um lugar de sensibilidade, onde se pode ouvir música, sentir o ar fresco, perceber as diferentes formas e cores, os aromas das plantas e os sabores dos chás, estimulando nossa capacidade de entender o mundo nos seus aspectos sensoriais e sensíveis; um lugar de educação, de descobertas, de livre aprendizagem, onde o ensino se fundamenta na experiência autônoma e livre, que instiga a curiosidade e estimula a construção de conhecimento.

No desenvolvimento de seu processo criativo, ao ampliar e projetar no espaço tridimensional essa composição, o artista construiu um ambiente capaz de proporcionar aos visitantes uma experiência fundamental, sensível e reflexiva, assumindo, assim, seu caráter de obra. Sem a pretensão de categorizar, mas considerando-a do ponto de vista artístico, percebemos nela alguns aspectos comuns às obras de intervenção, de ambientação, de instalação e de escultura. Tais aspectos ficam evidentes quando se verifica que esse ambiente é capaz de promover a ressignificação do espaço, a provocação estética e a percepção transformadora. Nessa dimensão, o jardim Mandala extrapolou o projeto inicial, rompendo seus limites formais e conservando sua potência simbólica como uma grande mandala.

2. Experiências pedagógicas no Jardim Mandala - Conceição Clarete Travalha Xavier (Professora Teca) – Faculdade de Educação, UFMG

A disciplina optativa Educação e Espiritualidade foi elaborada, inicialmente, no ano de 2013. Ela é dirigida aos alunos de todos os cursos da Universidade Federal de Minas Gerais, nossa média semestral de alunos varia entre 50 e 90 matrículas. Entretanto, as turmas sempre apresentam um elevado número de alunos provenientes da área de ciências exatas, especialmente do curso de Física, talvez, buscando a abordagem científica do tema, que também oferecida.

A ementa busca refletir aspectos relativos a educação e formação de professores, numa visão multidimensional do ser humano, onde a espiritualidade apresenta-se como uma dimensão ligada a determinada ética nos processos de ensino/aprendizagem. A espiritualidade é abordada através da filosofia, das ciências e está voltada para uma determinada ética na pedagogia.

Essa proposta exige momentos de grande reflexão e relaxamento e o ambiente para se desenvolver tal prática deve ser cuidadosamente escolhido. No Jardim Mandala, encontramos essas condições. Por vezes, também conduzimos ao jardim alunos do curso de licenciatura para momentos de aprendizagens específicas em tópicos de Psicologia da Aprendizagem e do Ensino.

Nas aulas realizadas pela manhã, à luz de um soberano sol, entre uma profusão de flores coloridas e ervas, encontramos o local ideal para “desacelerar”, meditar, buscar na profundidade da alma os conhecimentos que todos trazemos, mas não conseguimos alcançar num mundo em ebulição ou num dia a dia agitado, repleto de tensões.

Dentre as práticas desenvolvidas no jardim, destaco os exercícios de respiração profunda, muitas vezes, coordenado por mestres yoguis especialmente convidados, seguidas de palestras de cunho altamente prático, como a sensibilização para uma maior percepção do próprio corpo, suas sensações, pontos de tensão e até doenças. Daí, também surgem propostas de autoconhecimento, assim como identificação do valor medicinal das ervas no tratamento de diferentes patologias. Ao buscarmos o desenvolvimento de atitudes coletivas e solidárias, tão importantes em nossa proposta pedagógica, os diversos “Canteiros Mandalas”, com suas ervas em verdadeira harmonia, tornam-se o modelo das diferentes vivências.

Apresento nosso enorme agradecimento ao “educador jardineiro” Welington, construtor desse espaço de afetos e saberes!

3. Prof.^a Penha Souza – Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Faculdade de Educação da UFMG

O Jardim Mandala, desde a sua criação, tornou-se um espaço de referência dentro da Faculdade de Educação - FaE e da UFMG como um todo. Além de cumprir o objetivo inicial que era ser um espaço aconchegante e acolhedor, tem servido como espaço de construção de conhecimento. Os professores da área das ciências têm utilizado a flora local para trabalhos disciplinares de Química e Biologia. Também tem sido amplamente utilizado na realização de oficinas para as áreas da Literatura e das Ciências Sociais e Humanidades, apresentação de trabalhos de muitas disciplinas e defesas de monografias e dissertações. É importante ressaltar que o Jardim Mandala representa um divisor temporal da Faculdade de Educação. Se quiser, pode aparecer lá para um chá e uma boa conversa.

4. Jardim Mandala - Lilia Pereira Ramos aluna da Licenciatura em Educação do Campo/LAL

Na condição de aluna, posso dizer que vi a transformação de um espaço que antes era vazio em um ambiente agradável. O Jardim Mandala, denominado cantinho do paraíso por mim e pelos colegas, tornou-se um local de encontros para a realização de atividades em equipe, trabalhos escolares, bate papo, leitura, café coletivo e até um cochilo depois do almoço, além da sensação de paz que nos é transmitida através das flores variadas, do aroma das ervas e do canto dos pássaros.

Entre um intervalo e outro, podemos encontrar uma diversidade de pessoas saboreando chás e trocando algumas experiências. Essa socialização permite um aprendizado com estrangeiros, indígenas e doutores como o Miguel Arroyo, que tive o prazer de conhecer em um evento no Jardim Mandala. Dentre essas possibilidades, destaco o quanto nos favorece esse espaço na realização de outros eventos, como a ioga, uma atividade diferenciada em nosso cotidiano. Motivada pela

beleza da arte de transformação desse espaço, copiei esse projeto para a escola da minha cidade. posso dizer que deu certo, pois a dedicação e o envolvimento dos alunos, funcionários e da comunidade demonstraram confiança e satisfação ao verem o resultado.

A vivência no jardim da FAE – Faculdade de Educação tem me proporcionado momentos de diversão, encantamento, estudo, meditação e até o conhecimento de diversas plantas, flores e ervas medicinais diferentes da minha região.

5. Experiência Jardim Mandala - Crisângela Elen de Souza

Me chamo Crisângela Elen de Souza, tenho 26 anos e sou aluna do curso de Geografia na UFMG. Conheci o Jardim Mandala através do belo trabalho que o Wellington fez/faz. Minha ligação com o Mandala é intensa e prazerosa, uma vez que já ministrei algumas oficinas no local e foram muito bem aceitas pela comunidade acadêmica e também pela população externa da Universidade.

Como trabalho com o estudo e a manipulação das plantas medicinais no âmbito popular, percebi que muitas pessoas se interessam pelo assunto. Explorando essa curiosidade, ministrei três oficinas, sendo a primeira para cerca de 30 pessoas, a segunda para 35 estudantes e a terceira para 70 estudantes divididos em duas turmas. Ambas oficinas tiveram uma pequena parte teórica e a parte prática se baseou em reconhecimento de plantas e explanação de princípios ativos e seus usos. Também preparamos e bebemos chás.

Além desse contato com o Mandala, posso afirmar que o local é especial, uma vez que a quantidade de boas energias que circulam por lá é incalculável, seja pelas belas fontes, o paisagismo ou pela diversidade de plantas que compõem as mandalas.

O local serve como um escape dentro da universidade, que nos cobra muito o tempo todo. Costumo dizer que, ao entrar no Jardim Mandala, até me esqueço de que estou na Universidade e isso é muito bom, pois, nos momentos de intervalos entre as aulas, sempre vou ao jardim para descansar, cochilar ou até mesmo para me energizar. Por algumas vezes, cuido das plantas, pois não tem como ver aquela infinita beleza e não tocar, aguar, trocar energias.

Enfim, acredito que a ideia do Wellington de instalar o Jardim Mandala na FAE foi ótima e só agregou coisas boas para o local. Já presenciei atividades como aulas de ioga, confraternizações após apresentação de bancas, visitas de escolas, gravação de documentários, construção da casa Xacriabá, aulas com os índios, alunos do Lecampo, e da graduação da UFMG.

Atualmente, o Jardim é cuidado por voluntários que toparam continuar a ideia do Mandala. Penso que, para dar mais visibilidade ao projeto, a Faculdade de Educação poderia oferecer bolsas de extensão ou pesquisa (mesmo que inicialmente seja voluntária), dando visibilidade ao projeto junto à comunidade acadêmica.

6. Espaço Jardim Mandala - Professora Aracy Alves Martins, professora associada do Ceale-NERA/FAE/UFMG CNPq: NEPEHLA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, História, Letras e Artes: Diversidade Sociocultural, Relações Étnico-raciais

O Espaço Jardim Mandala, da Faculdade de Educação/UFMG – criado e cultivado por Wellington Dias, artista plástico, discente da UFMG, inicialmente da Licenciatura Educação do Campo, transferindo-se para o Curso de Escultura, da Escola de Belas Artes, no momento em intercâmbio, pelo Minas-Mundi, no Instituto Politécnico de Bragança, em Portugal – propicia diálogos com a natureza. Essa é a primeira impressão, quando os espectadores visualizam grande variedade de plantas, entretanto, depois, percebem que se trata de plantas medicinais e ornamentais, em meio a outros ornamentos artísticos, tais como esculturas e montagens com outros objetos, como vasos/botas/sapatos, sereias que, divertidamente, expõem água, assim como outras águas que jorram, criando sons lúdicos e repousantes. As mais variadas faixas etárias, crianças, jovens e adultos, além de frequentarem o jardim, com seus professores, para estudos, debates e reflexões, buscam o espaço para estudar, mas também para se divertir e repousar pois, sentados em cadeiras, recostados em sofá ou deitados no tapete, encontram silêncio, paz, diálogos com as suas lembranças, possibilidade de repouso, em contemplação. Melhor ainda: além de produzir textos acadêmicos, literários e poéticos, nesse ambiente tão propício, cada um pode ter a oportunidade de um encontro com livros literários para leitura livre, produções criativas e espontâneas em um Dedo de Prosa ou Poesia.

A turma de Ciências Sociais e Humanas/CSH/2015, da Licenciatura em Educação do Campo/Lecampo, realizou, em julho de 2015, uma entrevista com Welington Dias, ressaltando que “a ideia de realizar surgiu da grande admiração que a maioria dos discentes da CSH/2015 mostrava em relação ao jardim, o qual é cuidado com bastante zelo”. A turma pôde tomar conhecimento da importância das experiências vividas em cada projeto, dentro e fora da universidade – trabalho com artesanato, em projeto de ensino de artes para alunos do campo, chamado Centro Cultural do Lucas, em Bichinhos-Tiradentes e, posteriormente, em Jaboticatubas; habilitação na Licenciatura em Educação do Campo/Lecampo, na área de Línguas, Artes, Literatura/LAL, na Faculdade de Educação/UFMG; habilitação em escultura, em andamento, em diálogo com desenho e pintura, na Escola de Belas Artes/UFMG; intercâmbio CAPES/AULP em São Tomé e Príncipe, na equipe da Profa. Francisca Maciel, da Faculdade de Educação/UFMG, onde o intercambista produziu desenhos e pinturas, cujos modelos foram sujeitos da comunidade, organizando um Catálogo, “São Tomé por novos olhares”, bem como uma Exposição, no Centro Cultural Brasil-São Tomé e Príncipe. Ao final da entrevista, foram lidos, enfaticamente, os poemas intitulados: “Sertão Moderno”, “A vida” e “Poesia em homenagem ao Welington”.

Assim, considerando todas essas dimensões, o Espaço Jardim Mandala acaba contribuindo para uma ação que, dificilmente, os ambientes formais e intelectualizados conseguem realizar: propiciar diálogos com a natureza humana.

7. E-mail recebido no período do intercâmbio em Portugal, enviado por um professor da FaE UFMG. Apresentamos aqui como um exemplo da relação poética e afetiva estabelecida entre um usuário frequente e o espaço Jardim Mandala UFMG.

Estimado amigo, BOM DIA!

O jardim e seus moradores ressentiram com sua viagem. Os filhotinhos (as mudinhas nos copinhos) então nem se fala. Até parece que foram pulverizadas com "falta de esperança" e não foi falta de sua mão apenas, mas, também da atitude de partilhar, doar com referência de cuidados, utilidades e segredos de significado e vida.

O João pega na enxada com gosto do suor e sem medo da "Taturana" que já lhe sapecou as mãos. Esticou uns canos com os espalhadores, arrumou mudas, pedras e outras mãos dispostas. Mas seu riso e presença faz falta. O Clevanildo e o

Alexandre ainda incensam o mandala eventualmente com uma energia semelhante a sua e assim eles fazem o melhor possível.

As flores e as ervas estão permanecendo, o manejo, a estética e a labuta também, mas, não é uma questão de informação é sim de saber, de um saber fazer que mistura e recorre as origens com reverência e ao sentir e agir de quem gosta de fazer "ärte" tecendo com e na terra formas de vida. Vida que convida as cores, o vento as borboletas, abelhas, aves e outros avuantes, bem como, pessoas de diferentes origens, lugares e envergadura. Como a exuberante avó com sobrinhos e netos mostrando-lhes as diferentes plantas e referenciando a imagem da guardiã, as crianças brincando no entorno das mandalas e aproveitando do espaço para um soninho breve. E ao observar e registrar esta dança rica em movimento a academia com seus militantes tem a possibilidade sistematizar este universo para depois socializar e devolver num outro modo à sociedade. Devolver mais uma síntese da diversidade e riqueza organizada a partir da cultura e do saber e saber fazer da cultura popular.

Já estou eu aqui, quebrando meu repouso de dengoso e viajando na maionese. Vou almoçar na companhia da sua lembrança.

Bom dia e dê um abraço no povo do bem que te ajuda ai.

Até outra hora.

Abraços saudosos!

Links relacionados com comentários e depoimentos espontâneos de usuários e visitantes do Espaço Jardim mandala UFMG, postados nas mídias sociais:

3. Comentários das redes sociais:

https://business.facebook.com/latest/posts/tagged_content?asset_id=1821528001405009&nav_ref=page_banner_navigation

4. Espaços de convivência da UFMG

<https://www.ufmg.br/saudemental/rede-de-apoio/espacos-de-convivencia/?s=jardim%20mandala>

5. Curso de Comunicação

<https://medium.com/tubo-de-ensaio/jardim-mandala-um-lugar-para-se-conectar-com-a-espiritualidade-e-a-natureza-inclusive-estudando-3f6760f85c9b>